

RODRIGO FAOUR

ANGELA ★ MARIA ★

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2015

Para Cauby Peixoto e Ney Matogrosso,
ícones e amigos.

Ao meu mestre maior na pesquisa musical,
Jairo Severiano, por seus 88 anos.

E em memória da cantora Marlene,
que nos deixou durante a conclusão deste livro.

Sumário

<i>Introdução</i>	9
1. De Abelim a Angela [1929-1951]	13
2. A voz morena do Brasil [1951-1952]	41
3. Coisas e graças da Bahia (e do Rio) [1952]	54
4. Princesa do Rádio [1953]	84
5. Rainha do Rádio [1954]	121
6. A sereia Angela Maria [1955]	167
7. <i>Inspiração</i> [1956]	211
8. Capa de todas as revistas do Brasil [1957]	245
9. Por que <i>Babalu</i> ? [1958]	276
10. <i>Noite chuvosa</i> [1959-1960]	314
11. <i>A lua é dos namorados</i> [1960-1962]	346
12. “Será que eu sou feia?” [1962-1964]	387
13. <i>Falhaste, coração</i> [1965-1966]	425
14. <i>Angela em tempo jovem</i> [1966-1969]	457
15. “Rainha da Cafonália” [1970]	493
16. Um tango dentro d’alma [1971-1975]	522
17. <i>Moça bonita</i> [1976-1978]	561
18. <i>Apenas mulher</i> [1979-1980]	606
19. <i>Exemplo</i> [1980-1985]	631
20. <i>Estava escrito</i> [1986-1994]	674

21. <i>Amigos</i> [1995-1997]	709
22. <i>Eu voltei</i> [1998-2014]	731
23. <i>Começaria tudo outra vez...</i> [2014-2015]	759
<i>Sucessos de Angela Maria — em rádio, disco, novela e shows</i>	771
<i>Filmografia</i>	773
<i>Discografia</i>	775
<i>Bibliografia</i>	811
<i>Agradecimentos</i>	813
<i>Índice onomástico</i>	815

Introdução

Angela Maria e o Brasil

É impossível contar a história da música brasileira e do próprio país sem mencionar o nome de Angela Maria.

Que outra cantora conseguiu atuar por mais de 60 anos em nosso cancionário sem interrupção (inclusive em gravações) e manter prestígio intacto em torno de seu nome?

Que outra artista conseguiu a alcunha de “a mais popular do Brasil” por pelo menos três décadas, com o aval de respeitadas instituições de pesquisa?

E quem colocou pelo menos quarenta canções em paradas de sucesso, grande parte delas clássicos de nossa música, cantados até hoje?

Angela Maria é para muitos a maior cantora do Brasil. E também influenciou aquela que, para outros tantos, é também a maior entre todas, Elis Regina — que declarou diversas vezes ter começado imitando-a descaradamente.

As marcas de seu canto quente e teatral — ora romântico e dramático, ora alegre e sensual — estão aí até hoje em conta-gotas no estilo de tantas outras intérpretes, e por que não dizer também de tantos outros, já que muitos de nossos grandes cantores e compositores também se sentiram atraídos por seu canto quando jovens. Todas e todos a reverenciam — influenciados diretamente por ela ou não. Por uma só razão: Angela virou referencial de voz e estilo na música do nosso país. Fez escola.

Além de ter sido um expoente máximo do auge da Era do Rádio, também foi uma das pioneiras da televisão brasileira, atuando ininter-

ruptamente desde os primórdios do veículo, inclusive com programas próprios.

Angela Maria é ainda uma figura que ajuda a contar a história da indústria cultural no Brasil, sedimentada a partir dos anos 1950. É quando o ambiente radiofônico (e, logo a seguir, televisivo) e nossa produção fonográfica (e cinematográfica) começam a ter espaço cada vez maior em jornais e revistas de variedades, bem como em uma série de publicações específicas, somente para falar de suas notícias, além, é claro, da vida dos artistas que reinaram nesses meios. Sem dúvida nenhuma, Angela foi e ainda é uma das mulheres mais midiáticas do país, sendo capa de cerca de 250 revistas entre as décadas de 1950 e 1970, e — durante e após essa época — assunto não raro de primeira página de um número sem fim de cadernos culturais dos principais jornais do país, além de milhares de notas, resenhas, reportagens e críticas. Vocês não leram errado: milhares mesmo!

A propósito, como todo grande astro, Angela Maria teve sua vida artística e pessoal dissecada pela imprensa, que estava sempre por perto para explicar, confundir, teorizar, forjar, criticar ou celebrar tudo o que fosse a seu respeito. Sua voz, sua beleza, seus vestidos e joias, suas turnês nacionais e internacionais, seus apartamentos, carros, maridos, empresários... Seus recordes de venda, seus títulos (Rainha do Rádio, Rainha dos Músicos...), troféus e tudo quanto foi homenagem a ela prestada desde os anos 1950 foram esmiuçados por gerações e mais gerações de jornalistas nacionais e, por conseguinte, consumidos por uma legião de fãs ardorosos ou simplesmente curiosos.

Angela Maria também não pode ficar de fora de um estudo aprofundado de alguém que queira situar a evolução da mulher brasileira no século XX; afinal, das de sua geração esperava-se apenas que fossem boas esposas e mães dedicadas. Aliás, ela mesma também queria isso para si, mas não APENAS isso. Quis ser artista, numa época em que tal ofício era malvisto pela sociedade machista, e por essa razão sofreu com uma série de preconceitos dentro da própria família. Depois, por ser mulher, rica e famosa, pagou um preço ainda mais caro por tal “ousadia”. Foi do céu ao inferno em sua vida pessoal, ludibriada por maridos, empresários e funcionários que se aproveitaram de sua eterna boa-fé. Uma mulher

ingênuas, que sempre acreditou nos homens e nunca entendeu o feminismo, ainda que por outro lado tenha sido um exemplo de superação durante sua vida inteira.

Enfrentou a pobreza, a fome, a família religiosa, frustrações afetivas — inclusive a de não poder ser mãe biológica —, inúmeras internações, além das mais diversas críticas ao seu trabalho, maledicências, inveja de colegas, fama de “cafona” e tudo mais que se possa imaginar. Superou todos os percalços da vida com seu humor inato, seu sorriso aberto e seu coração de ouro; afinal, nunca deixou que o estrelato lhe subisse à cabeça. Por sinal, sua generosidade com pessoas carentes, amigos, familiares e sua dedicação aos fãs e admiradores são capítulos à parte nesta bela e intensa história.

Na carreira, teve altos e baixos como qualquer artista, mas em oscilações impressionantes. Quando se pensava que ia começar a ser esquecida, voltava com tudo. Uma, duas, três... várias vezes. Ou seja, o mito ficava cada vez mais forte. Angela teve um sucesso sem precedentes, uma discografia monstruosa, uma legião de fãs fiéis nos quatro cantos do país que nunca deixaram de prestigiá-la, lotando as plateias de seus shows, mesmo após a sexta década de carreira. A favorita do chamado povão, a quem sempre fez um voto de fidelidade, por preferir um repertório mais popular a outro mais sofisticado, curiosamente agradava também a um público classe A, de socialites, empresários e até presidentes — um dos títulos que ostentou com orgulho durante muitos anos foi justamente “A Cantora dos Presidentes”.

Angela Maria, assim como o amigo e parceiro musical Cauby Peixoto, a quem também já dediquei um livro, realizou uma façanha inédita: sobreviveu à Era do Rádio, conseguindo se renovar, se adaptar à televisão e aos novos modelos de espetáculo, permanecendo sempre em evidência por mais de 60 anos, apesar dos sucessivos modismos musicais, e colecionando homenagens em vida num país cuja memória é tão maltratada. E, mesmo quando os agudos lancinantes lhe faltaram, compensou tudo com graves inesperados, regados a muito carisma e simpatia. A rainha não perde a majestade, porque tem uma luz impressionante que jamais se apaga.

1

De Abelim a Angela [1929-1951]

Se a árvore genealógica da família de Angela Maria tivesse um nome, poderia ser o do próprio Pau-Brasil, pois nenhum seria mais representativo de nossa gente. Sua avó paterna, Rita Maria, era negra vinda da África e — naturalmente — escrava (posteriormente liberta). Já o avô, Marcos José, era português. Por sua vez, o avô materno, Belizário, era neto de alemão, e a avó, Idalina, índia. É claro que deu caldo! Daí surgiu uma família de mestiços, com várias nuances de tipos físicos e tons de pele. Ela é fruto, portanto, da mais perfeita união das raças brasileiras — branco europeu, negro africano e índio nativo. Deus sabe o que faz. É algo bem simbólico para alguém que, pouco antes de completar 22 anos, seria uma das vozes mais identificadas com a alma popular brasileira.

Foi na região norte do estado do Rio de Janeiro que nasceu Angela Maria — sendo registrada num lugarejo hoje chamado de Conceição de Macabu, na época ainda pertencente ao município de Macaé. Aliás, Angela não. Abelim Maria da Cunha. Foi em 13 de maio de 1929. Morena com traços de mulata, ela nasceu exatos 41 anos após a Abolição da Escravatura, no seio de uma família bastante pobre, retrato de um país ainda extremamente racista, com muito mais diferenças sociais que hoje e poucas chances de ascensão social para uma pessoa de posses modestas.

Décima filha do casal Albertino Coutinho Cunha (24/8/1886-15/8/1963) e Julita Maria da Cunha (16/5/1895-21/5/1979), era a sétima do sexo feminino que nascia (depois ainda nasceria outra, Arlete, a única com um nome mais, digamos, tradicional). É que ao todo eram onze e, salvo a caçula, seguindo um hábito de muitas famílias humildes brasileiras, tiveram a ideia de batizar os filhos com nomes parecidos. No caso, nomes bíblicos iniciados em “Ab”. Começando por Abimael, o mais velho, que

faleceu ainda pequeno, seguido de outros dez rebentos: Abigail (a mais velha), depois Abiaíl (Hila), Abiadil (Guinha), Abdnar, Abdiel (o filho homem mais velho que vingou), Abiadina (Dina), Abiezer (Zezé), Abdil (Adinho), a nossa Abelim e, finalmente, Arlete, a única que não teve um “B” depois do “A”.

Imaginem a confusão que até hoje os irmãos fazem para se referir uns aos outros com nomes tão semelhantes! Mesmo com os respectivos apelidos, às vezes eles próprios se enrolam, mas se divertem também!

Quem conheceu “Ziquinha”, “Lim”, “Mulherzinha” e “Neguinha” — estes eram seus apelidos sapecas na infância — jamais poderia imaginar o que lhe reservava o destino. Até porque, além de pobrezinha, Abelim tinha a língua presa e falava de um modo gozado. Às vezes os parentes chamavam as pessoas para ouvi-la falar do seu jeitinho particular e riam muito. Mas, mesmo assim, ela gostava de recitar versinhos de criança: “Sou pequenina, da perna grossa / Vestido curto, papai não gosta.”

O irmão Abdiel, que veio ao mundo em 5 de setembro de 1923, portanto seis anos antes de Abelim, conta que inicialmente a família morava num trecho da fazenda do coronel Picanço, espécie de xerife daquela região de São Fidélis — situada a 335 km ao norte da cidade do Rio de Janeiro, às margens do rio Paraíba do Sul, próximo a Campos dos Goytacazes. “Cheguei a ser candeeiro de boi, aquele que vai na frente da boiada com uma vara comprida comandando o gado”, diz. “Esse coronel mandava em tudo, o que ele dizia era para ser seguido. Naquela época, trabalhador não recebia dinheiro, apenas um vale para fazer compras. E a gente morava num corredor de casas de tijolos, com chão de terra batida, dentro da fazenda. Eram várias casinhas, umas do lado das outras.”

Um parêntese: a irmã mais velha, Abigail, também morava nas terras dessa fazenda do coronel Picanço, e seu marido trabalhava para ele na lavoura.

“Alguns anos depois é que fomos morar em Puca, do outro lado da ponte, num lugarejo de São Fidélis”, conclui Abdiel.

Nascida quatro anos depois de Abdiel e dois anos antes de Abelim, em 11 de maio de 1927, Zezé (Abiezer, pronuncia-se “Abiezér”) explica que todos os irmãos nasceram e passaram boa parte da infância em São Fidélis, a cerca de 80 km de Macaé, na beira do rio Paraíba do Sul. O

motivo pelo qual Abelim (Angela) foi registrada em outra cidade é um mistério que nenhum dos parentes vivos sabe explicar.

Seu pai morava num casebre com a mulher, ela (Zezé), Abelim (Angela), os irmãos Abdiel e Abdil e a recém-nascida Arlete. “Angela, já pequeninha, gostava de cantar. Naquela época não tinha água encanada em casa, as pessoas costumavam lavar a louça na beira do rio. Como ela via as senhoras fazendo isso, cismava que tinha que levar também a bacia pra beira do rio pra lavar a louça. Pegava então uma das *menorzinhas* que achava e ia pra lá também, cantando uma música que nunca me esqueci: ‘A mulatinha do cabelo sarará / Quando ela passa começa a se requebrar...’ A gente saía correndo atrás dela... Mamãe brigava porque era perigoso mesmo, ela podia cair no rio e até morrer porque tinha uns três aninhos”, ri.

“A gente morava numa casinha. Para dizer a verdade, era um barraco na beira do rio”, continua Zezé. Apesar de o pai ter uma rocinha de feijão no quintal da casa, a família não morava exatamente no meio da roça como sua irmã Abigail. “Era num bairro de São Fidélis, já não era no território do coronel Picanço. A gente tinha que atravessar uma ponte para chegar à cidade. Morávamos do lado do rio, devido à pobreza. O comércio assim era longe. Era preciso caminhar um bocado para chegar.”

Outra lembrança de Zezé é que Abidil — cujo apelido é Adinho — e sua irmã famosa eram muito ligados e levados. “Eles pintavam! Ela gostava muito desse nosso irmão, e eram mesmo da pá virada! [Risos.] Uma vez, tinha uma feira perto de casa, eles pegaram aquela linguiça que vem em gomos e saíram correndo, e o dono quando percebeu veio atrás deles. Quando chegaram em casa, a nossa mãe ficou uma fera. Nessa época era surra na base do chinelo e cinto. Mas tanto eu quanto os mais levados a respeitávamos muito. Só um olhar da minha mãe ou do meu pai era o suficiente pra gente saber se estávamos ou não agradando”, relembra. Já Abdiel — que também foi levado — concorda com Zezé em relação à autoridade deles e conta que levou muita surra tanto do pai quanto da mãe. “Minha mãe era a melhor mãe do mundo. Realmente, bastava um olhar só dela e acabou, a gente ficava quieto. Surra de mãe era na base do chinelo, agora de pai era na base da correia dobrada ou vara de marmelo. Apanhei muito. Quando a coisa era séria, um começava e outro terminava”, ri.

Zezé lembra-se de que as traquinices de Abelim também aborreciam uma das irmãs mais velhas, porém ela tinha um jeito todo especial de livrar-se dos castigos. “Às vezes, quando a Angela passava do limite, a Guinha (Abiadil) queria bater nela, então ela subia no pé de mangueira que havia lá perto, e minha irmã só dizia: ‘Não adianta fugir; quando você descer, vou te pegar!’ Mas ela demorava tanto a descer que, quando descia, nossa irmã não estava mais com raiva”, ri.

A relação de Albertino e Julita nessa fase era um pouco tensa e às vezes sobrava para os filhos. “Eles brigavam muito. Quando brigavam, ficavam nervosos e qualquer coisa que a gente fazia eles achavam ruim, chamavam a nossa atenção”, recorda Zezé. Certa vez, porém, no início dos anos 1930, houve uma grande enchente no rio Paraíba do Sul por aqueles lados que acabou com a pequena roça de Albertino, o que fez a situação financeira piorar ainda mais. Entretanto, não foi exatamente por esse motivo que os dois decidiram se separar. Abdiel lembra bem do ocorrido:

“Minha mãe era muito bonita, e aí veio um problema muito grande de ciúme da parte de meu pai. Ele chegou até a bater nela. Quebrou a cabeça dela com uma caneca e, rapaz, deu um problema que você não queira saber! Ele chegou a ser detido na cadeia de São Fidélis num tempo em que a cadeia era livre, você passava por perto e via os presos, imagina! Um tempo depois, parece que o coronel o soltou. Aí acabou tudo entre os dois, não deu para continuarem juntos, e ele veio embora para o Rio e trouxe os meus irmãos menores. Depois, tudo se acalmou, mas por causa disso chegaram a dar para ele o apelido de Albertino Caneca”, diz Abdiel, um mulato escuro, de fala mansa e muito brincalhão.

Abdiel explica ainda que uma tia dele conseguiu um emprego para seu pai, numa fábrica de vassouras que chamavam de Casa dos Cegos, no bairro do Engenho Novo, subúrbio carioca. Enquanto isso, sua mãe continuou morando no mesmo lugarejo, em outra casa. “Ela ficou ali mesmo, pertinho de onde a gente morava, em São Fidélis, numa casinha de sapê, de chão batido. Fazia uns pasteizinhos, uns salgados, e eu saía para vender aquilo na catação de café. Com esse dinheirinho eu comprava 200 réis de açúcar, de bucho de boi... e levava para ela, até um certo tempo.”

Zezé conta que a ausência da mãe foi algo muito doloroso em sua infância. “Ficamos muito tempo sem ver a nossa mãe. Era uma fase que a gente não sabia se tínhamos ou não mãe de verdade. Me dava uma tristeza danada. Só sabia que estava viva porque, quando fui morar com a minha irmã Dina, ela conversava tudo comigo, e eu ficava por dentro da situação”, relata Zezé. Angela, entretanto, durante muito tempo achava que a mãe tinha morrido. E peregrinou por vários endereços durante a infância até que a situação melhorasse. Suas lembranças são um tanto desmembradas, embaçadas, difusas sobre esse tempo. Tanto que nem da imagem da mãe nessa primeira fase da infância, em São Fidélis, ela tem recordação, pois se despreendeu dela antes dos 5 anos: “Nós éramos muito pobres. Muito cedo eu e meus três irmãos tivemos que nos separar da minha mãe. Meu pai trouxe a gente para o Rio para entregar aos parentes próximos ou pessoas amigas. Então tivemos que ficar com famílias que a gente não conhecia”, conta. Inicialmente, as crianças foram distribuídas entre os próprios irmãos. Zezé ficou com Abiadina (Dina), Arlete com Abiadil (Guinha), e a dupla Abelim e Abidil com Abiaíl (Hila).

“A vida das minhas irmãs mais velhas que já tinham se mudado para o Rio de Janeiro e Niterói podia não ser tão miserável como a nossa, mas também não era maravilhosa, tanto que a maioria delas não pôde ficar com a gente por muito tempo, porque era mais despesa para elas. Só logo no início fiquei com uma irmã, Hila, em São Gonçalo”, explica Angela. Havia ainda outro problema: a irmã tinha filhos — alguns da mesma idade dela — e, como Angela era muito levada, começou a fazer travessuras e implicar muito com os sobrinhos. Coisa de criança. Seu cunhado então achou melhor que ela não ficasse mais lá. Até o dia fatídico da separação, entretanto, muita coisa aconteceu.

“Era levada mesmo. A casa da minha irmã ficava num campo com muitas plantações. Tinha pé de pitanga, de tangerina. Nos fundos havia um terreno enorme com um poço, que a gente ia pegar água quando faltava. Uma vez subi numa tamarineira, uma árvore enorme, bem frondosa, que havia lá no nosso quintal, para tirar tamarindo. Eu gostava muito de subir nessa árvore e ficar sentada num galho bem grande que tinha lá em cima, comendo essa fruta. Um dia, caí lá de cima, em pé, e enterrei um dos pés numa tábua que havia lá embaixo, com os pregos virados para

cima. Aquilo inflamou, enchendo de pus. Quase deu gangrena, por pouco não perdi a perna. Naquela época não tinha os remédios que existem hoje e, no interior, as pessoas resolviam as coisas na base de plantas ou do jeito que se aprendia com os mais velhos... Quem me salvou foi meu cunhado, que arrancou o prego, chupou a coisa da perna com a boca, ia tirando aquilo e jogando numa bacia”, recorda Angela. É uma cena terrível de se imaginar, mas não é que deu certo?

Numa outra vez as travessuras envolveram um... galo! “Eles tinham um galo de estimação, bonito, que ninguém podia tocar. Aí teve uma chuva, o galo caiu num poço e morreu. A mãe do meu cunhado pegou o galo e assou. Eu e meu irmão Adinho estávamos loucos para comer o frango assado. E ela disse: ‘Não pode! Vamos guardar para o Inocêncio’, que era o meu cunhado. ‘Mas só uma perninha!’, a gente insistiu. E ela, irredutível, disse que ‘não e não’. Só que naquela noite ele dobrou o serviço que tinha no Clube Naval e não veio dormir em casa. Eu e Adinho levantamos de madrugada e comemos o frango inteiro, deixamos só o cadáver do frango! [Risos.] Quando Inocêncio chegou de manhã, a gente só ouviu de longe a mãe dele falar: ‘Eu fiz um frango ontem para você, vamos lá na cozinha.’ Quando ela abriu o forno, só tinha osso. Aí perguntou: ‘Quem comeu?’ Eu disse: ‘Eu, não’, e o meu irmão: ‘Eu também não’ [risos]. Por causa disso, ficamos ajoelhados no milho, de castigo, atrás da porta, para nunca mais roubar frango assado dos outros”, diverte-se. “Aí realmente ficou difícil continuar lá na casa deles”, resigna-se Angela.

Finda essa temporada, seu Albertino levou Angela e Adinho para a casa de uma amiga, Maria José, numa vila no bairro do Cachambi, subúrbio do Rio. E logo depois deixou apenas Angela ali, levando o irmão para outro canto. Também era uma família pobre, mas ela foi bem-tratada. Entretanto, não tardou também a aprontar — mas, dessa vez, foi sem querer mesmo.

“Criança tem a língua solta, né? O marido dessa moça que eu fui morar viajava muito. Ele trabalhava em navio, passava quatro, cinco meses viajando, e ela ficava sozinha com um sobrinho que morava com ela. Ela foi boa comigo, me botou na escola e tal... Estava ficando grandinha, de sete para oito anos. E, nessa época, ela recebia muitos senhores na casa dela. Ela gostava muito de jogar cartas. Eu, como criança, ficava vendo os

adultos jogando e via por debaixo da mesa às vezes um trançando o pé na perna dela. O marido dela, que gostava muito de mim, uma vez chegou de viagem e me perguntou: ‘Ô Ziquinha, você tá bem? Tá estudando? A Maria tá te tratando bem?’ E eu respondi: ‘Sim, ela e todos os tios estão me tratando muito bem.’ E ele: ‘Que tios?’ E eu: ‘Os tios, amigos da tia.’ Aí, ele chegou para ela e disse: ‘Maria, você recebe alguém na minha ausência?’ Aí, já viu, saíram no tapa [risos]. Ela queria me matar! Só sei que se separaram naquele dia mesmo. Ela chamou meu pai, explicou a situação, e então ele me levou para outra casa.”

A casa em questão onde Abelim foi parar a seguir era a de dona Joaquina. E vejamos só como a vida é irônica. Ela veio a descobrir muitos anos mais tarde, já famosa, que esta senhora era ninguém menos que a irmã do imortal e revolucionário arranjador, músico e compositor Pixinguinha, um dos maiores ases da velha guarda da música brasileira. Pois ela morava na rua Paula Brito, esquina com Barão de Mesquita, na fronteira da Tijuca com o bairro do Andaraí, zona norte do Rio. “Dona Joaquina era uma senhora muito boa. Meu pai a conhecia, não sei como. Não sei de onde veio essa amizade. Tinha filhos, mas já eram casados, e concordou em cuidar de mim. Me botou em outra escola. Era uma casa de vila também, onde o Pixinguinha morou antes de mim. Tinha muita criança na vila. Lembro que era uma família alegre”, conta Angela.

O único episódio negativo de que ela se recorda nessa fase é que foi picada por um escorpião e, pela segunda vez na infância, poderia ter morrido, não fosse novamente a presença de espírito de seus anfitriões. “Estava brincando com outras crianças, descalça, na vila. E havia umas casas antigas lá em que havia porão. E os bichos saíam dali. Dona Joaquina me salvou colocando alho na ferida e enfaixando a pele. Aí o veneno não passou pro meu sangue. Havia três vilas nas imediações, e lembro que um menino da vila de cima morreu na mesma época, de picada de escorpião, porque não fizeram o mesmo procedimento”, explica.

Dona Joaquina colocou Abelim numa outra escola pública, onde estudou até a terceira série primária. “Era levada, mas na sala de aula me comportava. Eu aprendia tudo muito rápido. Ficava pouco tempo em cada escola porque mudava muito de endereço”, diz ela. De fato, pouco depois, nova mudança de lar. Dessa vez, seu pai a levou para a casa de

uma irmã dele, na rua Bambina, em Botafogo, zona sul carioca — todavia a mais pobre de todas as residências pelas quais ela perambulou. Viveu ali por um curto período. Naquela época, seu Albertino estava começando a sair da penúria em que vivia e pretendia novamente reunir a família. Enquanto isso, Abelim resistia firme de uma casa para outra. “Ainda bem que as pessoas com quem eu ficava eram boas, mas sentia falta da família”, conta.

Se Angela teve uma vida pobre, mas de certa forma bem-cuidada, pelas casas por onde passou, sua irmã Zezé não teve exatamente a mesma sorte. Para se entender um pouco as desventuras em que Zezé se meteu, é preciso voltar um pouco no tempo. Seu avô paterno era um fazendeiro que se casou (pela segunda vez) com uma ex-escrava. Quando a vida ficou complicada, e houve a separação entre Albertino e Julita, Zezé ficou na casa de primos pelo lado paterno, sobrinhos do primeiro casamento de seu pai, que consideravam a filha de Albertino não uma sobrinha, mas uma “cria da casa”. Inclusive, dona Maria, irmã de Albertino, também era assim considerada. Então a menina acabava servindo mais à família como uma espécie de empregada, ou melhor, de escrava. Além de limpar a casa, esfregar o chão e outras tarefas domésticas, não tinha as regalias das outras crianças que ali habitavam. Era louca para estudar, mas não era levada à escola junto com as primas mais abastadas e nem mesmo tinha um quarto para dormir. Davam a ela apenas uma esteira num cantinho no terraço, tanto que a certa altura pegou uma pneumonia em consequência da friagem noturna.

Os maus-tratos eram cruéis. Para se ter uma ideia, ela só podia comer o que sobrava das refeições. A dona da casa era uma dentista, que a fazia, por exemplo, arear as escadarias de mármore que davam para seu consultório. Ela não podia se manifestar, criticar ou reivindicar nada, pois logo pediam que se calasse e terminasse as tarefas. Quando uma das irmãs de Zezé, Abiadina (Dina), tomou conhecimento, anos depois, do que estavam fazendo com a menina, fez um escândalo e tirou-a de lá. Dina, que era doméstica, deu sorte que sua patroa concordou que levasse a irmãzinha para morar em sua casa e acabou se tornando uma verdadeira mãe para ela. “Eu cheguei lá muito maltratada, cheia de espinhas na pele, com o cabelo desgrenhado, pois ficava ao relento na casa antiga”, depõe.

Angela, por sua vez, apesar de mais bem-tratada, sentia não só muita falta da família, como de outros mimos de que qualquer criança gosta. Hoje em dia, com a indústria de bens de consumo muito mais desenvolvida, qualquer família pobre numa cidade grande como o Rio de Janeiro sempre vai ter algum brinquedinho, por mais vagabundo que seja, para distrair os filhos. Mas naquele tempo era bem diferente.

“Nunca tive boneca, Natal ou aniversário... Natal e aniversário só fui festejar depois que me tornei Angela Maria”, relata. Suas brincadeiras eram na base do improvisado. “Ia no lixo e pegava sapato velho, cortava, amarrava o salto no meu calcanhar e brincava de mocinha, andando na ponta dos pés. Coisa de criança maluca!”, ri, explicando que ora brincava sozinha, ora com seu irmão Adinho, quando calhava de estarem morando na mesma casa. “A gente era unido em tudo, na alegria e no sofrimento, a vida inteira. Nesse tempo, a gente brincava de pega-pega, de esconde-esconde... essas coisas.”

Passaram-se uns seis, sete anos e seu Albertino deixou o serviço na fábrica de vassouras. Um de seus cunhados conseguiu para ele um emprego de “taifeiro” no almoxarifado da Marinha, uma profissão relacionada com serviços de alimentação e de alojamento de soldados nos navios. Aos poucos, conseguiu que Julita lhe perdoasse os erros do passado. O que pesou em sua decisão foi que ela descobriu que, além do novo emprego, ele havia “aceitado Jesus”, tornando-se crente da Igreja de Deus — uma religião protestante, parecida com a Assembleia de Deus, que aportou no Brasil vinda dos Estados Unidos, no início do século XX.

Um dia, seu Albertino chegou à casa de sua irmã, na rua Bambina, e disse assim para Abelim: “Você fica bem bonitinha porque vou fazer uma surpresa pra você na casa da sua irmã, em Irajá. Não posso contar o que é. Se arruma e vamos lá!”

“Quando cheguei, havia um pessoal reunido em torno de uma feijoada. Estava quase toda a família e uma senhora muito bonita, forte, que eu não conhecia. Aí meu pai disse: ‘Quero te apresentar a uma pessoa. Sabe quem é essa senhora?’ Eu disse: ‘Não sei.’ Olhei bem para ela e vi que ela estava com os olhos cheios de lágrimas. Ele me disse: ‘É a sua mãe.’ E eu: ‘Ué, minha mãe não morreu?’ E ela: ‘Claro que não, menina! Quem te falou essa besteira? Sou tua mãe!’ Então ela me abraçou chorando e

me beijou. Eu também chorei. Foi uma emoção muito forte.” De fato, até hoje Angela tem os olhos marejados ao recordar essa cena.

Novamente reunidos, Albertino, Julita e os filhos Angela, Zezé, Adinho e Arlete foram morar em São Gonçalo por um curto período. Abdiel, que naquela época havia fugido de casa e estava trabalhando num barco, fazendo a travessia fluvial entre Campos e São Fidélis, também voltou a morar com a família.

Abelim era uma das que ajudavam a mãe no serviço de casa. “Tinha uma fábrica de tamancos em São Gonçalo. Antigamente se usava muito tamanco. E eu ia lá, pegava aqueles restos de madeira e de tamanco que eles jogavam fora, enchia um saco grande e trazia na cabeça até nossa casa pra acender como lenha. Era uma distância grande, mas eu aguentava firme”, lembra Angela.

Mas, mal se aboletou em São Gonçalo, e a turma teve nova mudança de endereço. Agora para um lugar melhor e muito mais interessante. Fixaram residência no início da subida do morro de São Carlos, na própria rua São Carlos, no bairro do Estácio, próximo ao Centro do Rio. Aliás, outra coincidência maravilhosa na história da vida de Angela, pois foi justamente naquele lugar onde o samba, tal como conhecemos hoje, começou a ser produzido pelas mãos de Ismael Silva, Bide, Nilton Bastos e tantos outros, havia pouco mais de uma década, em 1928. Ali fora fundada a primeira escola de samba carioca, a Deixa Falar. Por sinal, o termo “escola de samba” foi empregado porque ali pertinho, na rua Estácio de Sá, havia uma Escola Normal próxima à sede do Deixa Falar. Se na primeira se formavam professoras, os integrantes daquele ainda pequeno bloco achavam que ali eram graduados verdadeiros “professores de samba”.

Zezé lembra que ali na mesma rua eles chegaram a ser vizinhos de Luiz Gonzaga (1912-1989) e depois do filho dele, recém-nascido, Gonzaguinha (1945-1991). Mais uma ironia do destino.

Estávamos em meados da década de 1940 e o tempo ainda era de vacas magras. Basta dizer que viviam em uma casinha de dois quartos, sala e cozinha, e ainda dormiam em esteiras, não em colchões. Entretanto, como nunca tinham conhecido conforto na vida, só pelo fato de estarem juntos novamente, viviam felizes. “Com 13, 14 anos, brincávamos de pular corda,

esconde-esconde, roda, de falar versinhos, tipo: ‘Diz um verso depois vai embora...’”, lembra Zezé. E continuavam levados. “Uma vez mamãe não gostou de alguma farra que a gente fez e nos botou de joelhos, cada um num canto das paredes. Quando ela ia para a cozinha, a gente saía do lugar e começava a pular. Quando ela ouvia barulho e sentia que a gente tinha saído do castigo, voltava todo mundo pro lugar”, diverte-se.

Convertido num homem religioso, seu Albertino reunia a família para fazer orações na hora das refeições. À noite, pegava violão, ou o acordeom, e cantava hinos de louvor a Deus junto com a esposa. Sim, ambos também tinham seus dotes musicais, bem como os filhos. Dona Julita cantava em casa. O irmão Abdiel sempre tocou violão muito bem — inclusive músicas não religiosas — e também adorava ouvir rádio, naquele tempo o grande veículo de entretenimento e informação do brasileiro. “Quando nossos pais não estavam por perto, eu pegava o violão, e a Angela cantava uns foxes que estavam na moda naquela época. Mesmo sem saber falar inglês, a gente inventava umas palavras”, conta Abdiel.

Abelim foi estudar na Escola Tiradentes, no Centro do Rio. Estudou até a quinta série primária, quando já estava por volta dos seus 18 anos. Estimulada pelos pais e na companhia de alguns irmãos, começou a frequentar nas horas vagas a Primeira Igreja Batista do Rio, ali no Estácio, próximo ao antigo presídio da rua Frei Caneca. Até que um dia foi convidada a participar do coral. Em pouco tempo já era uma das solistas do coro, como soprano. Foi ali que a futura grande cantora começou a sentir o poder de seu canto. Até porque — e isto ela nem desconfiava — sua voz alcançava uma oitava acima do que normalmente a voz humana é capaz, e aquilo causava um grande efeito.

Ao contrário de Zezé, mais tímida e retraída — até por ter tido uma infância mais sofrida —, Abelim era mais espevitada e ousada e algo lhe dizia que aquela penúria financeira não seria para sempre: “Um dia vou ter dinheiro, vou ser rica, só pra dar uma casa bonita pra minha mãe.” “Ela sempre dizia isso”, ri hoje Zezé, aproveitando para descrever o gênio da irmã. “Desde pequena, ela tinha um temperamento forte, brigava pelo que ela queria. Quando se enfeza, sai de baixo. Ao mesmo tempo, tem pena das pessoas, quer sempre ajudar. Nasceu com esse dom de gostar das pessoas, querer ajudar e às vezes se dar mal.”

Para uma garota de seu estrato social, pensar em ser rica e famosa — naquele contexto em que vivia e naquela fase de nosso país — era mais que um devaneio, parecia mesmo alucinação. Tanto é que a vida difícil fez com que Abelim tivesse que largar os estudos cedo — como vimos, só terminou o primário com 18 anos, já estudando à noite —, tendo que trabalhar para ganhar a vida. Em cerca de três anos, passou por cinco empregos, permanecendo pouco tempo em cada um. O primeiro foi como auxiliar do dr. Hélio Paraíso, cirurgião-dentista, no edifício Darke de Matos, na avenida 13 de Maio, próximo à Cinelândia, no Centro do Rio. “Ali eu atendia, batia radiografia dos dentes e revelava”, recorda. Depois empregou-se na Artefatos de Madeira, em plena Lapa carioca, na rua dos Arcos, 64, ganhando um pouquinho mais. Fazia estampados em panos de cozinha e lençóis e ajudava no escritório. Também servia de modelo vivo, pois a achavam bonitinha — e era, de fato! Ficava quietinha enquanto pintores se inspiravam para estampar seu rosto nos panos de prato. “Trabalhei numa fábrica de panos de prato, uma estamparia, e os donos eram pintores e acharam que eu tinha um feitio muito bom pra ser pintado. Posava pra eles. Mas era um saco ficar ali parada por tanto tempo, esperando eles pintarem”, confessa.

Acontece que desde que experimentou a sensação de ser ouvida e admirada na escola dominical, no coro da igreja, não pensava em outra coisa a não ser cantar. Ela já era sempre solicitada para solar nas festinhas religiosas de sua paróquia. “Até que um dia uma pessoa falou para mim lá dentro da igreja: ‘Você canta tão bem, por que você não vai cantar no rádio? A gente foge do culto e vai lá! Vamos para a Rádio Nacional!’”, recorda Angela, que iniciou a partir de então sua obsessão cega pela carreira artística. O problema é que seus pais não poderiam nem sonhar com essa ideia por várias razões: 1) eram evangélicos radicais e, portanto, o ambiente de música popular não era propício à sua filha; 2) independentemente de religião, o meio artístico naquela época tinha uma péssima fama. Homem artista era “pederasta”, e mulher artista “prostituta”. Mas Abelim não estava nem aí para as convenções e seu sonho era mais forte. Foi quando ela começou a driblar a família para tentar a sorte aonde dez entre dez aspirantes a artistas de seu tempo iam: nos programas de calouros das principais rádios da então capital federal.

“A gente tinha rádio; minha mãe, apesar de evangélica, gostava de ouvir Emilinha Borba, Programa César de Alencar, Ary Barroso... Aí que fui ouvir rádio e descobri os programas de calouro para participar escondido”, conta Angela, que dava uma desculpa em casa, dizendo que ia à casa da irmã ou à igreja, quando, na verdade, começou a se embrenhar pelas emissoras de rádio da época, tentando se inscrever em alguns programas.

O primeiro programa de calouros de que participou foi o de Jorge Curi, A Hora do Pato, na Rádio Nacional. Acompanhada do pianista (cego) Amirton Valim, cantou *Doce mistério da vida* (*Ah! Sweet mystery of life*), tema do filme *Oh! Marieta*, de 1935, com Jeanette MacDonald e Nelson Eddy, que fez muito sucesso no Brasil, no qual a atriz faz o papel de uma princesa que foge de um casamento arranjado. Pois Abelim arrasou e ganhou o primeiro lugar.

Animada com a repercussão, tratou de encarar programas como o do impiedoso Ary Barroso, Calouros em Desfile, na Rádio Tupi. “Diziam que eu tivesse cuidado com ele, porque derrubava qualquer um. Ele não via ensaio de ninguém, chegava na hora para comandar, estava sempre pronto para gongar o candidato. Botava o ouvido na boca da gente enquanto cantávamos, depois dava a nota. Cantei *Estrellita*, de Manuel Ponce. Tirei nota cinco, a máxima, e ele falou ao microfone: ‘Jurava que ia dar nota zero para ela porque ela não tem jeito de quem canta nada’ [risos]. Mas gostou tanto da minha voz que me aconselhou a estudar música: ‘Menina, você tem uma voz maravilhosa de soprano lírico. Estude que acabará no Scala e no Municipal.’ Anos depois, ele ficou meu maior fã, superamigo”, recorda. Na ocasião, ganhou um prêmio acumulado, dividido com dois outros cantores de ópera que apareciam nesses “dias gordos”.

Nessa época, para não usar seu nome de batismo, adotava o pseudônimo de Marina Cunha e cantava o repertório chamado “semiclássico”, aprendido na igreja, entoado de forma bastante impostada. Com certeza o nome Marina lhe ocorreu graças ao grande sucesso do samba-canção de Dorival Caymmi que inundou o Brasil em 1947 nas vozes de quatro grandes cantores: Francisco Alves, Dick Farney, Nelson Gonçalves e do próprio Caymmi — sendo a primeira vez na história da música brasileira em que isso aconteceu, já que antes apenas um cantor ficava dono da can-

ção e pronto. Ocorreu, entretanto, algo que ela não esperava. Seu irmão Abdiel, que já adorava música, estava em casa escutando o programa de Ary Barroso e, ao ouvir aquela voz inconfundível, foi chamar sua mãe para ouvir também: “Mãe, ouve isso aqui. É a Ziquinha! Tenho certeza.” “Mas não é possível! Ela não foi à igreja?” “É possível sim, é ela!”, entregou.

“Fui cantar no programa do Ary a música que eu cantava nas festinhas da igreja — olha que idiota eu fui! [Risos.] Quando cheguei, tive que falar a verdade. Levei uma surra de cinto nas costas. E eu, que tinha ganho um dinheiro nesses programas, mas tinha medo de mostrar e depois não poder voltar a cantar, escondia tudo numa caixinha de sapato. Ela não queria acreditar que aquilo tudo eu tinha ganho cantando”, conta Angela. Abdiel lembra que sua mãe ficou mais enfezada que seu pai, pois, quando ele viu o dinheiro, foi um grande alívio.

“Com aquele dinheiro deu pra pagar muitas coisas. Muitas dívidas de armazém, de açougue, de padaria. Mas aí minha mãe ficou apavorada e disse: ‘Albertino, vamos sair daqui, vamos embora porque estamos perdendo nossa filha para o mundo.’ Ainda tentei argumentar: ‘Mas, mãe, estou ganhando dinheiro, vai acabar esta miséria em que vivemos.’ E ela, muito religiosa, disse: ‘Não! É um dinheiro maldito.’”

Por causa da pressão de dona Julita, seu pai arranjou uma casa no subúrbio distante de Vila Rosali, um bairro de São João de Meriti. Imaginem o trauma causado à jovem Abelim. O preconceito com a carreira artística era tão grande que os pais, depois de terem perambulado por tantos endereços distantes, e estando tão bem localizados, abriram mão das facilidades de viverem num lugar central da cidade para se enfiar num subúrbio distante somente para “salvar a filha” do “antro de perdição” que seria trabalhar no meio artístico.

Na Igreja de Deus que havia ali próximo, em Coelho da Rocha, seu Albertino virou pastor protestante. A essa altura, Zezé, Abdil e Abdinar soltavam a voz como solistas, e Abdiel mandava ver no violão e na voz também. Eram muito musicais, tanto que uma década depois formaram com mais alguns integrantes da família o Conjunto Maravilha, que se apresentou em vários pontos do país cantando músicas religiosas.

Na mesma época, entretanto, Abelim parou definitivamente com os estudos (ainda cursou um pouco de inglês no Liceu de Artes e Ofícios,

no Centro do Rio, mas por pouco tempo), saiu do emprego na gráfica e precisou arranjar outro. Foi trabalhar então na fábrica de tecidos Nova América como operária têxtil. Função? “Encher ‘espula’, aquele carretel grande, sabe?”, conta ela. Ganhava de 3 a 4 cruzeiros por dia, uma mixaria. Depois passou a outra fábrica de tecidos, a Mavilis, no fim da rua do Caju, na zona portuária. Dessa vez, carregava a “espula” para a máquina. Sua irmã Zezé também trabalhou ali.

Era uma fase de trabalho duro, sem qualquer glamour. “Eu trabalhava oito horas numa fábrica, sem direito a horário para almoço e café. Quando chegava em casa, tinha de ajudar a cuidar de tudo. Não estudava, não ia ao cinema, não tinha amigas, não conhecia nada da vida. Tinha hora para chegar em casa, entregava o salário nas mãos da mãe e ia para a cama antes das oito da noite”, conta ela hoje, explicando que sua diversão eram os cultos e as reuniões da igreja protestante. Confessa, entretanto, que não era boa funcionária. “Quando trabalhei na fábrica de tecidos no Caju, eu também cantava, apesar das máquinas fazerem mais barulho que minha voz! Fui mandada embora porque vivia dormindo no expediente”, diverte-se.

Um dia ela soube que fora aberto um concurso para trabalhar na General Electric, a famosa GE, no subúrbio de Maria da Graça. Inscreveu-se, passou e iniciou o trabalho, ganhando 2,60 cruzeiros por hora, ainda um salário bem miserável. Acordava de madrugada, pegava o trem da Central — “ainda não era elétrico, era maria-fumaça” —, porque tinha de assinar o ponto às seis da manhã (o expediente ia até as duas da tarde). Ali viveu um momento muito pitoresco de sua história.

“Eu era inspetora de lâmpadas. Pegava, olhava e, se tivessem algum defeito — o fio arrebentado ou estalado —, jogava fora. Mas lá, enquanto trabalhava, eu cantava e o pessoal adorava, parava de trabalhar para me ouvir. Fiquei lá um ano só, porque isso deu uma confusão danada. Havia uma turma também que soprava as lâmpadas e que ia para o meu departamento para me ver cantar, pois eram pertinho um do outro. A produção começou a cair. Um dia, meu chefe, doutor Veríssimo, depois de me ouvir cantar, bateu nas minhas costas e disse: ‘Você canta, né?’ E eu: ‘Sim, o senhor gostou?’ E ele: ‘Muito. Você canta muito bem! Só tem uma coisa: você vai parar agora, descer e pode passar no departamento

pessoal porque já estão lhe esperando.’ ‘Mas o que foi que eu fiz?’ ‘Nada, você está atrapalhando a produção. Ninguém trabalha quando a senhorita canta. Este departamento já foi o de melhor produção da fábrica e há dois meses está caindo.’ Quer dizer, fui demitida porque cantava [risos]. Comecei a chorar, pois precisava do emprego. E ele me aconselhou: ‘Vá procurar uma estação de rádio, aqui não é o seu lugar.’ Foi exatamente o que eu fiz.”

Abelim achou melhor mudar de ares, lembrou-se de que tinha uma irmã, Abdnar, que poderia ser sua cúmplice em sua futura nova atividade, e chegou em casa decidida a tomar uma atitude. Quando a mãe soube que a filha havia sido demitida por cantar durante o expediente, foi taxativa: “Não disse? Isso é uma maldição!” Ela novamente ainda tentou argumentar: “Mas é música, mãe, de qualidade.” Ao que dona Julita, irredutível, sentenciou: “Não pra Deus!” Ela não teve alternativa senão lhe dizer, na lata: “Eu vou-me embora! Já sou maior de idade, vou tentar a carreira. A senhora pode fazer o que quiser comigo, mas não vai tirar isso da minha cabeça.” Seu pai também foi contra, tentou se aborrecer, mas Abelim falou novamente: “Podem me bater, o que quiserem, porque vou embora. Não vou fazer o que vocês pensam. Vou pra casa da minha irmã, direitinha. Vou correr atrás do meu sonho.”

Abelim explicou que ficaria na casa de sua irmã Abdnar, em Bonsucesso. Ela havia acabado de ter filhos gêmeos — um menino e uma menina. Também cantava muito bem, era louca para ser cantora, mas o marido, muito religioso, só admitia que cantasse hinos de louvor na igreja. “Anos depois, ela chegou a gravar um disco religioso e cantar em festas de paróquias fora do estado, mas o que queria mesmo era ser cantora famosa. Como não consegui, ela me deu guarida, dizendo: ‘Já que eu não pude, vou ajudar você a realizar seu sonho. Você pode ir nos seus programas’”, conta.

As lembranças que ela tem do período em que viveu ali em Bonsucesso com a irmã por alguns meses, entre o fim de 1949 e o começo de 1950, são até boas. “Era um lugar bem gostoso, bairro de gente humilde, casas simples e ruas arborizadas. Tudo muito calmo”, lembra. O comércio era forte, mas havia muita dificuldade. “Era o período pós-guerra, quando a gente tinha de enfrentar filas para tudo. Eu tinha um banquinho feito

de caixote, que levava pra fila que se formava na porta de uma mercearia às 14h, na avenida dos Democráticos, para comprar mantimentos. Morávamos num apartamento pequeno, mas eu ia em casa praticamente de passagem para dormir. Durante o dia, ia para a rádio participar dos programas de calouros.”

Foi assim que, nesse breve período, ela andou por todos os programas que davam oportunidade aos novatos, dessa vez mudando de nome artístico. Marina Cunha, que adotava até então, não era bom, até porque lembrava o de outra personalidade da época, uma loura que foi Miss Distrito Federal e que, depois de fazer um filme, acabou caindo no esquecimento. Arranjou outro, mais sonoro, mais bonito: Angela Maria! “Diziam-me que meu nome não servia, que era muito esquisito. Pensei em Rosângela, mas logo adotei Angela Maria”, explicou certa vez. Sua irmã Zezé, entretanto, diz que ela se inspirou numa sobrinha que acabara de nascer e ganhara esse nome, e mais tarde foi apelidada na família de Anjinha, chegando também a fazer parte do Conjunto Maravilha, que os parentes tinham para cantar canções de louvor a Deus. Ela confirma.

Assim, rebatizada, foi tentar a sorte, entre outros, no Gente Nova, de Celso Guimarães, na Rádio Nacional, no Pescando Estrelas, de Arnaldo Amaral, na Rádio Clube do Brasil, e num programa de calouros da Rádio Mundial. Uma das músicas infalíveis que a fazia sempre ganhar o primeiro lugar nessa época era a modinha *Quem sabe*, de Carlos Gomes, aquela que dizia: “Tão longe de mim distante / Onde irá, onde irá teu pensamento?” Ganhou várias vezes. Tanto que não podia mais participar. Daí, foi bater na porta do Papel Carbono, de Renato Murce, na Rádio Nacional, no qual os cantores iniciantes imitavam sempre outros consagrados.

Na primeira vez, imitou Cristina Maristany — cantora lírica que, assim como Carmen Miranda, com poucos meses de vida, veio de Portugal para o Brasil e aqui teve uma longa carreira dedicada a este tipo de música. Em 1935, ela gravou justamente *Estrellita*, uma das favoritas do repertório clássico de Abelim. Da segunda vez, imitou Bidu Sayão — outra glória nacional do canto lírico, que chegou a brilhar no Metropolitan Opera House de Nova York —, entoando o *Canto da saudade*, de Alberto Costa.

Renato Murce, radialista experiente, ao ver o sucesso que ela fazia, disse-lhe: “Menina, você tem o tipo da mulher brasileira, brejeira, mas esse estilo de música que você canta é muito restrito para o público do nosso país, só pessoal da alta sociedade se dedica a esse tipo de música, até porque é caro para se levar isso a sério. Você deveria cantar música popular. Me diga qual é a cantora que você mais gosta?” Angela respondeu: “Dalva de Oliveira.” “Então, decore uma música do repertório de Dalva e volte aqui.” Nessa altura, 1950, Dalva de Oliveira tinha acabado de deixar o Trio de Ouro, lançando-se numa carreira solo arrasadora, estourando logo no primeiro disco com o sambão *Olhos verdes* e o samba-canção *Tudo acabado*, na sequência o bolero *Que será?* e os sambas-canções *Errei, sim* e *Ave Maria*. Angela, que já gostava dela, tornava-se a cada dia sua fã mais ardorosa, e escolheu logo a primeira que sua adorada gravou, *Olhos verdes*. Retornou então ao Papel Carbono e ganhou novamente o primeiro lugar.

*Vem
De uma remota batucada
Uma cadência bem marcada
Que uma baiana tem
No andar...*

Ela se empolgou e na semana seguinte se inscreveu com *Tudo acabado*. Quando quis se inscrever de novo, pois já tinha até alguns fãs no auditório, os demais calouros se rebelaram. Não queriam mais participar quando Angela estava no páreo, achando que era marmelada, que ela era amiga do diretor. Afinal, cantando sucessos de Dalva venceria sempre as disputas — da mesma forma como ocorrera no Pescando Estrelas. Daí, Renato lhe deu um ultimato: “Aqui você não pode mais cantar. Você quer ser artista profissional, não quer? Então deve procurar essas boates, cabarés da noite, para ser *crooner*, pois sempre sai de lá um cantor famoso”, citando como exemplo Orlando Correia, Jamelão e Elizeth Cardoso — que acabara de estourar com *Canção de amor*. “Essas casas são muito frequentadas por gente de rádio e de disco. Vai lá, que você vai conseguir!”

O cantor e compositor Luiz Vieira recorda-se desse período. “Somos contemporâneos. Participei junto com ela do Pescando Estrelas, na

Rádio Clube do Brasil. Ela ganhava todas nos programas de calouros. Diziam: ‘A neguinha chegou.’ Já se sabia que não tinha para ninguém. Nessa época, ainda não era tão ajeitadinha no visual”, diverte-se. Quem também é testemunha desse período de transição entre caloura e estrela é o cantor Venilton Santos.

“Preliminarmente, eu tive a oportunidade de conhecer Angela quando ela começou a tentar ser cantora. Eu trabalhava no Bolero, na avenida Atlântica, uma das casas mais famosas daquele tempo, tipo *nightclub*. Um restaurante mais para turistas do que brasileiros em que havia muitas mulheres para sair com os fregueses, um *infernão* mesmo, mas era discreto. Ela ia a tudo quanto era casa que tinha música ao vivo, acompanhada de uma turma de moças, de colegas, e as colegas pediam: ‘Nós temos uma cantora que canta que é uma enormidade.’ Nesse tempo ainda existia um certo respeito, e o chefe da orquestra e o *crooner* da casa tinham que ser ouvidos e aprovados para alguém dar canja ali. Isso porque muitos iam com finalidades de se autoapresentar ou apresentar para pegar lugar do outro para trabalhar. Não era o caso da Angela. Ela estava querendo ser cantora e precisava ser vista. Passava no Bolero, assim como foi bater mais tarde no Dancing Avenida. Pois bem, o chefe do conjunto veio a mim e disse: ‘Venilton, tem uma cara aí querendo cantar. Você não se aborrece?’ E eu: ‘Desde que a moça cante bem, não há problema.’ Ela cantou *Olhos verdes*. Podia cantar o que fosse, mas não deixava de cantar *Olhos verdes* nessa época. Cantava bem em cima da Dalva, com aquele agudo igualzinho, que passou a ser um carrão-chefe dela.”

De fato, ela agradou cantando esse sambão, como agradou também aos proprietários da boate Flayer, também em Copacabana, de curta duração, onde cantou igualmente por um breve período. Mas ainda não era o que ela queria. Até que resolveu bater à porta de um dos *dancings* mais famosos do Rio de Janeiro. *Dancing* era um local em que havia um ou mais *crooners*, uma boa orquestra e muitas garotas bonitas, cujo ofício era dançar com seus frequentadores. A cada minuto, elas marcavam um furo em seus cartões que traziam na cintura, e, ao final, o cavalheiro pagava o total referente ao tempo que havia dançado.

Luiz Vieira conta um pouco, profissionalmente falando, o que cantar numa casa assim representava para um cantor daquela época: “No *dan-*

cing, se cantava com orquestra e se aprendia muita coisa, porque íamos das 22h às 4h e tínhamos que nos virar com todo estilo de música. Naquele tempo havia três níveis de casa noturna que a gente ia galgando: cabaré, *dancing* e depois as boates. Não passei pelas boates porque não gostava tanto desse público mais sofisticado. Se o cabaré pagava, digamos, o que hoje seria 20 reais a um cantor, o *dancing* pagava 40, e a boate, 100, 120, por aí”, compara.

Pois bem, Angela passou pela calçada da avenida Rio Branco em direção ao mar, que ainda era bem mais próximo, pois ainda não havia o Aterro do Flamengo, e viu escrito “Dancing Avenida”. Tinha um homem na porta, a quem perguntou: “Estão precisando de cantora?” O sujeito a olhou de cima a baixo e lhe disse: “Mas não é você!” Angela não entendeu bem e mandou: “Sou eu sim. Eu canto! Você não me conhece? Sou Angela Maria. Ganhei todos os programas de calouros este ano.” Desconfiado, o homem pensou um pouco e ponderou: “Se você vier às nove da noite, bem-vestida, aí a gente faz um teste, positivo?” “Eu estava de sandália de dedo, com um cabelo horroroso, hoje imagino que ele deve ter levado um susto”, ri.

Ela chegou em casa bufando, toda feliz, e contou eufórica a novidade para Abdnar, que, antes de mais nada, foi logo dizendo: “Pelo amor de Deus, nem fale com o Francisco que você arrumou emprego num *dancing*, senão ele não vai querer que você fique mais aqui conosco.” Francisco era seu marido — o tal que só consentia que a irmã cantasse para Jesus. Angela então explicou: “Só que eu preciso ir bem-vestida.” A irmã então se comprometeu a comprar um metro de cetim e iria costurar-lhe uma roupa nova, mas ponderou: “Não vai ser coisa luxuosa porque não tenho dinheiro pra isso.”

É bom que se diga que naquele tempo ela era muito magra, pesava apenas 48 quilos, distribuídos por seu metro e meio de altura.

“Pois ela me comprou um cetim daqueles que têm 1,20 m de largura, cor verde-bandeira [risos]. Costurou aquilo amarrado na minha cintura. Eu achei que estava linda. Quando cheguei lá para fazer o teste, o cara me olhou com aquela roupa e disse: ‘Ih! Não, não vai dar não!’ Mas nesse instante apareceu uma senhora de uns 40 e poucos anos cujo nome era Helena de Mayo — uma antiga cantora de boleros que trabalhava

ali — e falou: ‘Ai, meu Deus, assim você não pode cantar, vai espantar a freguesia!’ E eu disse: ‘Mas é esta roupa que eu tenho.’ E ela pro homem: ‘Deixa ela comigo que eu vou aprontá-la. Vou fazer um negócio bonito.’”

O gerente da casa não acreditou muito, mas consentiu. Angela entrou no recinto e ficou deslumbrada, deparando-se com um camarim gigante, no qual havia um cabideiro com roupas de parede a parede, repleto de lindos vestidos de todas as cores e modelos. “Fiquei olhando aquilo tudo e pensando: ‘Um dia vou ter isso tudo também!’ [risos].” Ela explica que antigamente, para mulher magrinha, se usava vestido rabo de peixe. Helena então pegou um preto de cetim e pediu que ela o vestisse. “Mas isso é muito grande!”, resmungou. “Veste!”, disse a veterana. “Então ela enrolou o vestido de alça por trás do meu corpinho, pegou uma agulha com linha, costurou, ficou justinho! E disse: ‘Hummm... Vai ficar bom.’ Pegou um par de sapatos, só que eu calçava 33, e ela, 37, então ela encheu de algodão e meteu meus pés. Não sabia andar de salto alto ainda, nunca tinha andado! Então ela me pediu: ‘Vai caminhando aí no camarim e vai se acostumando.’ Caminhei, caminhei até suportar aquilo, me apoiando nas paredes. Aí ela pediu: ‘Agora senta aqui, vamos fazer a maquiagem.’ Essa mulher foi maravilhosa pra mim!”, elogia.

A parte da maquiagem foi outra tourada, pois seu visual estava muito mais para uma menina suburbana maltratada do que para uma artista que precisa subir num palco e vender sonho, desejo e glamour à plateia. “Minha sobranceira era daquele tipo inteira, colada uma na outra, a do lado esquerdo no lado direito [risos]. Ela tirou o excesso, fez o contorno de cada uma, toda bonitinha. O meu cabelo eram duas trancinhas! Ela desmanchou, fez uma banana tipo Carmen Miranda, grande, e fez outra menor do outro lado, botou uma redinha com brilho. Fez aquela maquiagem pesada que se usava, e me enfeitou com brincos, colares, pulseiras. ‘Agora se olha, vê se você era aquela coisa que apareceu aqui.’ Quando me olhei no espelho, levei um susto, pois ainda tinha aquela formação religiosa, de família, que as mulheres não podiam ter muita vaidade e tal. Dali a pouco entrou o diretor, chegou para mim e disse: ‘Mulher, o que você está fazendo aqui, você tem que estar dançando.’ Respondi: ‘Eu?’ Ela riu à beça e disse para ele: ‘Essa é a moça que você contratou...’ O homem ficou pasmo. ‘Nossa, que mudança! Então, vá já pro palco!’”

Vestida como estrela, Angela então se apressou. Equilibrando-se nos saltos altos e envolta naquele enorme rabo de peixe, seguiu pela coxia e chegou ao palco. Disse que ia cantar *Olhos verdes*. “Qual o tom?”, perguntou o maestro. “O mesmo da Dalva”, disse, um pouco trêmula. Ela atacou... “Só que o pessoal parou de dançar. Ficou aquele silêncio no salão para me ouvir e no final aquele aplauso maravilhoso. Dali a pouco, o gerente subiu e disse: ‘Ó, isso aqui não é show, ela está cantando para vocês dançarem. Se continuar assim, ela vai para a rua.’ E realmente naquele dia ele levou um pequeno prejuízo porque, como o cartão era marcado de minuto a minuto, houve uma pausa delas para me ouvir. Fui muito aplaudida como se fosse um show, só que ali era um *dancing*. A música ali tinha outra função”, compara.

As dançarinas aprenderam a lição e tudo deu certo. Durante três meses, Angela foi *lady crooner* absoluta da orquestra Os Copacabana, do maestro (e saxofonista) Quincas, bastante moderna, com vários músicos que também integravam a sinfônica da Rádio Nacional. Assinou um contrato para ganhar 4 mil cruzeiros mensais. Não era uma fortuna, mas era mais do que em quaisquer de seus antigos empregos.

Roberto Luna, grande cantor, contemporâneo de Angela igualmente em início de carreira, acompanhou tudo isso de perto. “Trabalhava no *dancing* vizinho ao dela, o Dancing Brasil, cujo palco dava para o salão de danças do Avenida. Eu cantava uma hora e descansava outra. Eram dois conjuntos, cada um com seu *crooner*. Na minha hora de descansar ia para o outro lado para ver a Angela. Ela era até então uma moça simplesinha, mas a voz era impressionante. Nesse estilo de *taxi-dancing* que trabalhávamos não se parava tanto. Eram duas orquestras revezando de hora em hora para não parar nunca a música. Quando uma parava, a outra orquestra já entrava no ritmo que estava tocando.”

Musicalmente falando, Luna conta como era o clima daquele tempo, refletido nesse tipo de casa para dançar: “Em termos de ritmos, havia muita música latino-americana, principalmente cubana. Rumba, bolero... que estavam na moda nos anos 1940, muitas das quais chegavam aqui pelos filmes da Pelmex ou pelo programa do Francisco Alves, Quando os Ponteiros se Encontram, nos domingos ao meio-dia. Muita música americana também, francesa, muito Jean

Sablon... Eu cantava música brasileira — sambas — e também os boleros e tangos”, enumera.

Quem também vivia nesses lugares era o radioator Gerdal dos Santos, que desde pré-adolescente já trabalhava em teatro infantil e radioteatro. “A primeira vez que vi Angela Maria, ela ainda cantava no Dancing Avenida porque eu frequentava muito ali. Quando fiz 18 anos, já estava atuando como radioator na Rádio Globo e queria conhecer a vida boêmia. A rapaziada ia a todos os *dancings*. Então a primeira coisa que quis fazer foi conhecer um deles”, conta.

Além de lembrar o início da carreira de Angela, o depoimento de Gerdal é valioso também para se entender o que um rapaz daquela idade procurava nesse estilo de casa. “A primeira vez que estive num *dancing* fui levado pelo escritor de novelas Pedro Anízio. Ele me levou no Belas Artes, que ficava defronte à Rádio Globo, na avenida Rio Branco. Entrei nervoso, emocionado. Estava iniciando minha vida de boêmio”, conta ele, que muitas vezes saía às dez da noite de uma sessão de cinema, dava um tempo no Café do Hotel Serrador, na cabeceira da rua Álvaro Alvim, próximo também ao Cine Odeon, um ponto de encontro de atores, cantores e músicos da noite. “Todo mundo parava ali para depois, sim, ir aos *dancings* a partir da meia-noite ver o movimento e se mostrar”, relembra. Ora ficavam pela Cinelândia mesmo, indo ao Dancing Brasil, no final da Rio Branco, no porão do edifício São Borja, em frente ao cinema Odeon, ou ao Avenida, na mesma calçada do Brasil, no número 277, próximo à rua Santa Luzia, ora pelos arredores da Praça Tiradentes, onde ficava o Samba Dancing, na rua Pedro I. “Eu e a rapaziada pobre da minha idade tínhamos às vezes status, mas não tínhamos grana [risos]. Como não havia dinheiro pra picotar o cartão, a gente ia aos *dancings* só para ver o mulherio”, confessa.

Em 1950, os homens vestiam terno — com paletó e gravata. Portanto, para entrar em lugares como o Dancing Avenida, só estando trajado assim. “Só não se usava mais o chapéu”, pondera Gerdal, um costume muito tradicional do Rio antigo, nas décadas anteriores. Aliás, mesmo durante o dia, até meados da década de 1950 não se podia ir a nenhum dos cinemas da Cinelândia sem paletó e gravata, apenas nos de Copacabana, onde era possível tal façanha. Só aos poucos é que o paletó foi

caindo em desuso. Em relação ao início da vida sexual masculina no Rio de Janeiro, a nova década que se iniciava também trouxe mudanças. “Na geração do meu pai e do meu avô, a boemia dos anos 1920, 1930 e 1940, os homens iam invariavelmente aos cabarés da Lapa e à zona do Mangue para se distrair e conhecer mulheres. Na minha época, de 1950, muitas vezes o barato eram os *dancings*. Ali havia uma verdadeira exposição de mulheres, uma vitrine. Íamos para tentar arrumar uma que não tivesse compromisso. Ali podia nascer um encontro fortuito mais tarde, se podia convidar uma delas para jantar quando acabava o expediente ou até para tomar um café ou um chá no dia seguinte. A ideia era tentar uma oportunidade, porque a gente não tinha nem coragem de fazer um convite desses a uma menina dita de família. Nessa época os costumes eram muito rígidos”, explica Gerdal, que às vezes ia com uma dessas mulheres ao restaurante Colombo, na rua Sete de Setembro (não confundir com a popular confeitaria, na rua do Ouvidor) ou à Taberna da Glória.

Independentemente de um “programa” mais aprofundado, o simples ato de dançar — ou seja, ter o contato com o corpo de uma mulher —, cujo “sarro” poderia ser em maior ou menor grau, de acordo com o patrulhamento existente ao redor, já significava um frisson explosivo para os rapazes daquele tempo. Tal fato gerou uma expressão popular — autoexplicativa — que designava muito bem os bailes dos anos dourados: “mela-cueca”.

Havia vários estilos de mulher nesses *dancings*, segundo ele. Algumas, poucas, iam somente dançar e voltavam para casa. Outras topavam uma transa em troca de um pequeno agrado, simbólico. Outras tinham vida dupla, eram prostitutas durante o dia e dançavam ali à noite. Havia ainda as que tinham seus “donos”, seus “cafetões”, que eventualmente eram até mesmo policiais, seus “protetores”, e realmente faziam daqueles locais uma vitrine para seus programas. Além dos *dancings*, foram surgindo também os chamados inferninhos de Copacabana, pequenos barzinhos com música ao vivo, onde se tomava muita Cuba-Libre (rum com Coca-Cola) ou Samba em Berlim (cachaça com Coca-Cola), e onde havia mulheres disponíveis. Os chamados *rendez-vous* continuavam existindo, como a famosa Casa Rosa, da rua Alice, em Laranjeiras, e alguns no bairro do Catete, além das “pensões”, como recorda o historiador

Jairo Severiano: “Além do baixo meretrício da zona do Mangue, havia as pensões — como as da rua Alice, mais chiques, e as da Lapa, de nível intermediário. Eram chamadas ‘pensões alegres’, pois havia também as ‘pensões familiares’ que nada tinham a ver com sexo. Eu mesmo morei durante sete anos em pensões quando cheguei do Ceará em 1950. Por isso, quando a gente dizia que morava ou que ia para a pensão, não podia esquecer de dizer ‘familiar’, senão as pessoas poderiam achar ruim”, ri.

Todo esse preâmbulo de costumes se faz necessário para mostrar a razão de tanto desespero por parte dos pais de Angela por ela seguir o meio artístico. Naquele tempo, o que se esperava da mulher é que fosse casta até arrumar um bom casamento. Havia um pânico de que, por exercer algum tipo de profissão, especialmente desse meio, a moça “se perdesse”. “Infelizmente, eu era uma moça virgem. E, como virgem, todo mundo queria tirar uma casquinha. A cada dia se tornava mais difícil para que eu conseguisse lugar ao sol. Mas com toda minha virgindade eu consegui vencer”, declarou Angela duas décadas depois.

“A virgindade nessa fase era um tabu tão forte que se um homem ‘fizesse mal a uma moça’ ia preso. Tivemos um amigo no rádio, o [radioator] Domingos Martins, que ficou com uma moça, sendo noivo de outra, e foi preso, respondeu a um processo criminal”, conta Gerdal. “Mesmo nos bailes de Carnaval havia uma ética, uma moralidade, com as moças. O cara não cantava uma menina de família. Havia um respeito muito grande às moças e às mulheres casadas. Claro que sempre houve homens com amantes, esse tipo de coisa, mas muito escondido, com muito cuidado. Não havia nem de longe a liberdade que existe hoje.”

E por falar em Carnaval, voltando ao Dancing Avenida, vale dizer que Angela estava atraindo cada vez mais admiradores — até famosos. “Percebi que tinha gente que ia lá só pra me ouvir cantar. Começou um boca a boca e a casa começou a encher mais. Eram senhores, casais jovens. Eles iam, ficavam nas mesinhas, bebiam algo, aplaudiam, depois que eu saía iam embora”, recorda Angela, que cantou ali do fim de 1950 até o início de 1951, época de euforia por duas razões: o popularíssimo presidente Getúlio Vargas voltava ao poder — agora pelo voto direto do povo — e porque era a fase do ano em que os cantores divulgavam seu repertório carnavalesco em tudo que era canto. E quem foi que deu as

caras por ali naquele ano? O maior cantor do Brasil da primeira metade do século XX, ele mesmo, em pessoa, o Rei da Voz, Francisco Alves.

Ele foi divulgar sua música de Carnaval da época, *Lily*, no Avenida. Um pouco antes, ouviu aquela moreninha sestrosa cantando o repertório de Dalva e outras canções da época. Quando subiu ao palco, disse: “Essa moça vai ser a maior cantora do Brasil, prestem atenção nela.” E — glória das glórias — formou um dueto com Angela para cantar seu sucesso e sumiu. Felizmente, num tempo em que máquina fotográfica era um artigo de luxo, alguém estava lá para registrar a cena! Depois disso nunca mais Angela o viu, já que, dali a pouco mais de um ano e meio, ele nos deixou, aos 54 anos.

Outra figura muito frequente no Avenida e peça-chave na história de Angela foi o compositor (e cantor da Dupla Verde e Amarelo, ao lado do sambista Wilson Batista) Erasmo Silva, de quem Gerdal dos Santos se lembra muito bem: “O Erasmo nunca dizia que ia pro *dancing*. A gente se encontrava no Café do Hotel Serrador, e ele dizia que tinha reunião: ‘Vou falar com o músico tal, o maestro tal...’, dava sempre essa desculpa. Além disso, uma característica: era muito higiênico, se lavava muito. O [radioator] Macedo Neto disse uma vez, depois de uma visita que fizemos à sua casa, vendo sua roupa num cabide, tomando sol: ‘O Erasmo Silva é tão asseado, tão limpo, que depois do banho, quando se enxuga, passa a toalha de um ouvido para o outro’ [risos]. Era muito elegante, estava sempre com a roupa bem passada. Me lembro dele cantando na Tupi com o Wilson Batista. Uma figura sempre muito amável, educada.”

Erasmo achava um desperdício aquela bela mulher com uma voz tão fabulosa continuar ali no *dancing* em vez de estar cantando numa rádio ou gravando discos. Decidiu ajudá-la. Certa noite, sem Angela saber, levou vários figurões do meio musical para o local a fim de que a conhecessem. Essas pessoas eram Jaime Moreira Filho, locutor esportivo e assistente de direção da Rádio Mayrink Veiga (PRA-9), Vitorio Lattari, diretor da RCA Victor, e o cantor Lúcio Alves. Deu certo nas duas frentes — rádio e disco.

Jaime falou com Cyro Monteiro, que foi até lá no dia seguinte, ouviu, gostou, e os dois, entusiasmados, procuraram Gilberto Martins, então diretor da Mayrink Veiga, que marcou para ela um teste na rádio no dia seguinte. De quebra, Lattari também gostou do que ouviu e descolou

outro teste para ela, na multinacional do disco que já tinha em seu *cast* nomes de peso, como Linda Batista, Nelson Gonçalves, Luiz Gonzaga, Isaurinha Garcia, Carlos Galhardo, Gilberto Alves, Gilberto Milfont, Bob Nelson, Quatro Ases e um Coringa, Vicente Celestino, além de Jacob do Bandolim, a orquestra de Zaccarias e o próprio Cyro Monteiro. “Tudo que o Erasmo Silva fez por mim mesmo só vim a saber uns dez anos depois, quando ele foi trabalhar na gravadora Copacabana. Aí é que ele me contou detalhes de tudo que tinha feito. Ele é que foi o ‘culpado’ do meu sucesso”, diz Angela, com gratidão.

Ela não podia conter a ansiedade e, no dia seguinte, na hora marcada, meio-dia, lá estava ela, a postos na porta da Rádio Mayrink Veiga para o primeiro teste, acompanhada do regional de Canhoto. Foi cantar, mas... que decepção! O diretor Gilberto Martins não gostou nada de sua apresentação. Tinha lá suas boas razões. Ela cantou do jeito que estava habituada até então, bem em cima do estilo de Dalva de Oliveira. Foi obrigado a dar-lhe um xeque-mate: “Se eu quiser a Dalva, vou contratar a original, e não você! Se você voltar cantando em tons mais baixos, você vai ser Angela Maria, vai criar seu estilo. Não quero cópia! Arranje um repertório inédito, baixe os tons e volte aqui em 15 dias!”

Foi um chororô danado. “Quando acabei de cantar e ele disse: ‘Não serve’, foi a primeira vez na minha vida que alguém não gostou de me ouvir cantando. Aquilo me tocou muito, fiquei chocada”, explica Angela, que saiu passada, chorosa, descompensada do estúdio, pensando que a sorte não lhe sorriria mais. Como novata, não conhecia ainda ninguém no meio musical para lhe arrumar repertório inédito, fora que nunca tinha cantado sem ser com a voz tão impostada, em tons altíssimos. Nem quis saber naquele momento do teste na RCA Victor, pois, afinal, bateriam na mesma tecla. Antes mesmo que ela pudesse se perder em dúvidas e elucubrações, o cantor Cyro Monteiro, que fora acompanhá-la no teste, com seu enorme coração — era adorado por toda a classe artística —, tomou suas dores. Os dois saíram do prédio da Mayrink e foram ali próximo, à sede da União Brasileira dos Compositores, a UBC, à procura de repertório para ela.

“Os compositores de nome, quando souberam que eu estava ali pra conseguir música, desapareceram porque era cantora nova, desconheci-

da. Não queriam desperdiçar suas músicas com alguém sem cartaz, pois dificilmente elas emplacariam. O Dunga (futuro coautor de *Conceição*) ainda me mostrou uma música horrível, que não gostei. Aí o Cyro disse: ‘Quer saber de uma coisa, você grava uma música minha e pronto. Vou compor uma pra você!’” Dias depois, ele chegava com *Quando alguém vai embora*, parceria com Dias da Cruz.

Mas era preciso pelo menos umas quatro músicas, então Angela saiu de porta em porta para tentar a sorte. Numa dessas, ela explica, passando pelos corredores da Mayrink, deu de cara com Paulo Marques. “Ele não enxergava direito, tinha um defeito de visão. Estava começando também e ficava ali sentado nos corredores da rádio esperando os artistas para mostrar suas músicas, mas ninguém dava bola. Eu disse a ele que estava precisando de uma, e ele disse: ‘Eu tenho uma música!’ E cantou: ‘Você vive a meu lado / E eu não tenho você / Existe algo errado / Porém não sei o quê’. Depois me disse: ‘Já mostrei para Emilinha e para a Doris Monteiro, e elas não quiseram, mas essa música vai ser seu primeiro sucesso!’”, sentenciou.

Outro novato, o compositor Othon Russo, também colaborou com ela, dando-lhe o bolero *Sabes mentir*. E finalmente um mais experiente, Augusto Mesquita, autor de alguns sucessos de Isaurinha Garcia, como *Aperto de mão*, contribuiu com o samba *Sou feliz* (parceria com Ari Monteiro, mesmo parceiro de Paulo Marques em *Não tenho você*, um sujeito que tinha bons contatos nas rádios e ajudava a “caitituar” as músicas, como se dizia à época, ou seja, divulgá-las).

Deu certo. Na noite de estreia, num sábado, na técnica estavam Dias da Cruz, Cyro Monteiro, Gilberto Martins, Erasmo Silva, o jornalista Hélio Tys, entre outros. A orquestra atacou, e ela, nervosa, entrou fora de tempo. Cantou num tom diferente, estava tensa, queria chorar, a voz não saía, desafinou um pouco. O número terminou. O locutor começava a falar em outra cabine. Gilberto se aproximou da mesa, pediu som para o estúdio e disse: “Não foi nada não, menina. A orquestração estava errada. Não foi culpa sua. Você vai longe.” A cantora deixou então o *Dancing Avenida* — cujo lugar vago foi ocupado por Roberto Luna — e deu o pontapé inicial numa das mais triunfais trajetórias artísticas que o Brasil já conheceu. Nascia o mito Angela Maria.

2

A voz morena do Brasil [1951-1952]

A primeira vez que o nome de Angela Maria saiu na imprensa foi exatamente no dia 22 de fevereiro de 1951, no *Diário Carioca*, na coluna *Rádio*, do jornalista e compositor Ricardo Galeno, numa seção de notas curtinhas sobre as novidades radiofônicas.

À margem

Cid Moreira e Carlos Henrique são os locutores-brotos que vieram encaixotados de São Paulo para a Mayrink Veiga — Zezé Fonseca já assinou contrato com a PRA-9 — Lúcio Alves também — Angela Maria é a mais nova atração da referida emissora — E a orquestra que animará os programas da novíssima A-9 obedece ao comando do maestro Peruzzi.

No dia 1º de março de 1951 ela finalmente assinou contrato com a Rádio Mayrink Veiga — por 1 ano.

*Soc. An. Mayrink Veiga
Rua Mayrink Veiga, 15
Rio de Janeiro*

Contrato de Serviços mediante regalias

Contrato que nesta data se faz entre a Rádio Sociedade Anônima Mayrink Veiga, PRA-9, com sede à rua Mayrink Veiga nº 15 nesta capital doravante denominada PRA-9, e Abelir [sic] Maria da Cunha, artisticamente Angela Maria, também residente nesta Capital, doravante denominada a artista, sob as seguintes cláusulas:

PRIMEIRA

O prazo do presente contrato é de 1 (um) ano, a começar na data de 1º de março de 1951 e a terminar em data de 29 de fevereiro de 1952.

SEGUNDA

A artista obriga-se a comparecer à sede da PRA-9, em dias e horas previamente marcados, a fim de se exhibir através do seu microfone, de acordo com as necessidades da direção artística da PRA-9, passando assim a ser artista exclusiva da PRA-9, sendo-lhe absolutamente vedado se exhibir em qualquer outro local.

TERCEIRA

A PRA-9 obriga-se a pagar à artista, mensalmente vencido, a importância de Cr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros).

Rio de Janeiro, 1º de março de 1951

Ass: Gilson Amado / Gilberto Martins

Ricardo Galeno escreve novamente sobre Angela, dessa vez uma pequena reportagem premonitória no *Diário Carioca* a 13 de março de 1951. É uma matéria que vale a pena ler, pois ela sequer havia gravado discos ainda. O impacto de sua voz em algumas audições na Mayrink já foi suficiente para que ele escrevesse o seguinte:

É “deste tamanho” o diabo da nova cantora que a Rádio Mayrink Veiga contratou. Tipo da garota portátil, dona de uma voz quente e agradável, Angela Maria será, dentro de muito pouco tempo — se bem aproveitada, é claro —, a maior intérprete da nossa música popular.

Aliás, a referida cantora-mignon conseguiu arrancar do sr. Gilberto Martins, diretor da PRA-9, o seguinte comentário: “É uma artista de apreciáveis qualidades e que num futuro próximo poderá fazer sombra a muito medalhão que anda por aí à espera de aposentadoria...”

Falando a esta seção, Angela Maria teve a oportunidade de revelar o que se segue: “Sou carioca. Iniciei minha carreira artística cantando no programa Gente Nova, da Rádio Nacional, através do qual angariei um pouquinho de público e uns duzentos réis de simpatia. Sempre interpretei música brasileira e jamais interpretearei outros ritmos... Sinto-me felicíssima por ter sido aproveitada pela Mayrink Veiga, mais ainda por ter sido ‘descoberta’ pelo locutor Jaime Moreira Filho e só alimento agora uma esperança, que é a de poder lançar em disco dois sucessos... Gosto de praia, admiro Lupicínio Rodrigues, fumo às vezes, sou louca por feijoada e não sei dormir antes de meia-noite...” Angela Maria tem ainda moreneza no andar, gostosura no falar, muita bossa no cantar e um sorriso-anzol que só vendo, rapazes da minha terra...

Em 27 de março, a *Revista do Rádio*, que desde 1948 foi a pioneira em se especializar nos assuntos do meio radiofônico e em pouco tempo se tornou líder de mercado, rivalizando com a mais sofisticada *O Cruzeiro*, cita a cantora pela primeira vez numa matéria intitulada “A Mayrink agora vai”, mas apenas numa frase igualmente profética sobre os novos contratados da emissora carioca: “Angela Maria, uma cantora-revelação de futuro garantido.”

Entre março e junho de 1951, o *Diário da Noite*, o *Diário de Notícias* e o *Correio da Manhã* divulgaram semanalmente os destaques da programação radiofônica, trazendo sempre o nome de Angela Maria, ainda que sem maior alarde. Em março, ela dividiu o horário das 20h35 com o cantor Joel de Almeida, e em abril e maio com o hoje obscuro Darcy Rezende. E, às 18h35, estava ao lado de Cyro Monteiro e de uma certa Osmarina. Mas ficamos sabendo que vez por outra cantava também às 21h30, numa emissão com Leny Caldeira, Vilma Silva e Pery & Estelita, e, às oito, com o popular El Cubanito, especialista em ritmos latinos. Nessa época era anunciada pelos locutores como... *A voz morena do Brasil!*

Em 1º de maio, a *Revista do Rádio* já lhe perguntava qual era seu batom preferido. E ela, na lata: “Van Ess... porque agrada e não sai dos lábios!” Dia 13, completou 22 anos e as coisas não paravam de acontecer.

Voltando um pouco a fita, ainda em março, ao ter o contrato firmado com a Mayrink, o próximo passo de Angela foi exatamente atender ao chamado de Vitorio Lattari e fazer seu teste na RCA Victor. Naquele tempo o formato de mídia para gravação era o disco de 78 rotações por minuto (rpm), um objeto frágil, que quebrava à toa e possuía apenas uma música de cada lado com no máximo três minutos e meio. Normalmente o lado A é que era o chamariz para as vendas, sendo o lado B normalmente um tapa-buraco. Os discos não possuíam projeto gráfico, tampouco o rosto dos artistas. Eram vendidos em envelopes, onde se viam apenas os selos em que eram grafados o nome das músicas, dos autores, do ritmo e, lógico, do artista — e às vezes também o nome da orquestra ou do conjunto regional acompanhante. Só.

Angela levou as quatro músicas de seu teste na Mayrink para o diretor da gravadora, que aprovou o repertório. Ela acreditava no samba-canção *Não tenho você*, mas o diretor preferiu que seu primeiro disco-teste, gravado em 9 de maio de 1951 — o RCA Victor 80-0788 —, fosse prensado com os sambas *Sou feliz* (Augusto Mesquita / Ari Monteiro) na face A, e *Quando alguém vai embora* (Cyro Monteiro / Dias da Cruz) do outro lado, dando preferência a autores mais conhecidos no mercado. Fazia sentido. Chama a atenção a voz límpida, clara e com uma divisão perfeita nos compassos de seu samba de estreia, este até bem alegre para o padrão da década de 1950, apesar de trazer escondido ali, claro, a superação de uma desilusão amorosa.

*Sou bem feliz com meus trapinhos
Graças a Deus
O conforto dos arminhos
Não resume os sonhos meus
Os anseios mais sagrados
Que contive no amargor
De ver teus lábios manchados
Do batom de um outro amor*

Três semanas depois de gravar o primeiro disco-teste, em 31 de maio de 1951, Angela foi para o estúdio registrar finalmente a música em que mais acreditava, *Não tenho você* — ainda que incluída no lado B, pois

o lado A ficou com o bolero *Sabes mentir*, de Othon Russo. Contudo, o contrato era por apenas três meses. Vitorio foi taxativo: “Se vender um mínimo de três a quatro mil cópias, você fica; caso contrário, não posso contratá-la.” Quando saiu o primeiro disquinho, em julho, Angela tratou de divulgá-lo de tudo quanto foi maneira, e Cyro ajudou-a na divulgação. Até que foi vendendo direitinho.

Angela costuma contar em entrevistas que somente após o disco-teste ter vendido lá suas quatro mil cópias Lattari a deixou escolher as duas outras gravações para o segundo 78 rpm. Acontece que, segundo as datas de gravação que chegaram à posteridade, percebe-se que três semanas após gravar o primeiro ela já estava no estúdio fazendo o seguinte. O que se sabe é que o primeiro chegou ao mercado em julho, e o segundo, em agosto. Seja como for, seu segundo disquinho não teve para ninguém, foi um golaço, e justo com a canção em que ela acreditava.

*Você vive ao meu lado
E eu não tenho você
Você vive pra outra
Que também nunca lhe quis
E certamente faz pouco
Do seu viver infeliz
Enquanto eu quase louca
Procurei o meu próprio fim...*

A saber, foi no dia 3 de junho que a *Revista do Rádio*, na coluna *Chacrinha musical* de — ora vejam — Abelardo Barbosa, muito antes de se tornar o personagem divertido que conhecemos na TV, noticiou o furo de sua entrada no mercado fonográfico: “Foi contratada com exclusividade na Victor a cantora Angela Maria, da rádio Mayrink Veiga.” Animada, Angela, aconselhada por pessoa amiga, dirigiu-se a um jornalista conhecido, solicitando, com a maior inocência desse mundo, uma reportagem ou mesmo uma capa da mesma *Revista do Rádio*. Foi então recebida com uma gargalhada. Ao que respondeu: “Mas você não publica de Emilinha, Marlene, Dalva, Dircinha, Linda?” E, antes que

ela terminasse a lista, veio a resposta: “Ah! Mas você não tem um pingão do cartaz delas... Quando tiver, então, vamos estudar o caso.” E Angela saiu de lá totalmente arrasada. Sem jeito para pedir o que quer que fosse a qualquer jornalista. Mas ela nem teve tempo de sofrer muito porque em pouco tempo seria uma das figuras mais midiáticas da história da música brasileira.

Sou feliz abriu caminho e *Não tenho você* consagrou-a definitivamente, e dali em diante ela teve a primazia de escolher seu repertório. Diga-se de passagem, esta é uma das histórias mais raras de sucesso daquela época, pois era muito difícil um artista estourar assim logo nas gravações de estreia. Por exemplo, naquele mesmo ano, outros três ícones da música brasileira estrearam em disco: Cauby Peixoto, Inezita Barroso e Doris Monteiro. Dos três, apenas Doris também teve sorte, notabilizando-se logo no primeiro disco, *Se você se importasse* — apesar das críticas negativas, que não entendiam como uma cantora de voz pequena como a dela podia gravar discos. Já Inezita fez um disco-teste na Sinter, mas só estourou dois anos depois no segundo 78 rpm, com *Moda da pinga*, na RCA Victor. Finalmente, Cauby começou com um inexpressivo disco carnavalesco na pequena etiqueta Carnaval, que passou em branco. Só alcançou o sucesso para valer em 1954, com *Blue Gardenia*, gravando na Columbia.

Nessa época, a música brasileira começava a galgar um espaço maior na grande imprensa. Ainda não havia os chamados cadernos culturais em separado nos jornais, a crítica musical de discos ainda engatinhava. Alguns dos pioneiros mais respeitados e lidos eram Ary Vasconcellos (na revista *A Cena Muda*, a partir de 1946), Lucio Rangel (na revista *Manchete*, nos anos 1950) e os colaboradores da *Revista da Música Popular Brasileira* (entre setembro de 1954 e setembro de 1956). Em termos de jornalismo diário, o principal comentarista de discos do período era o exigentíssimo Sylvio Tullio Cardoso (que começou ao lado de Ary, na revista *A Cena Muda*, e a partir de 1948 passou ao jornal *A Noite*, e logo a seguir para *O Globo*). Mas muitos outros começaram também a falar sobre o assunto a partir da década de 1950, isso sem contar os cronistas especializados na vida boêmia carioca que também adoravam falar de música. Ainda assim, vejam

que interessante, seu 78 rpm de estreia mereceu três críticas positivas em importantes veículos da imprensa escrita da época.

*Agradou-nos plenamente a voz de Angela Maria, a nova contratada da RCA. Agradável, limpa, enxuta, lembrando bastante a de Odete Amaral e, um pouquinho, a de Elizeth Cardoso. Bom acompanhamento do pequeno conjunto, tanto no bonito samba-canção “Quando alguém vai embora”, de Cyro Monteiro e Dias da Cruz, como em “Sou feliz”, material menos interessante. Valor artístico: Face A ** Face B *** Comercial **

(Sylvio Tullio Cardoso, *O Globo*, coluna *O Globo nos discos populares*, 3/7/1951)

Gostamos muito do primeiro disco de Angela Maria, aplaudida cantora da PRA-9: ‘Quando alguém vai embora’, samba de Cyro Monteiro e Dias da Cruz, e ‘Sou feliz’, samba de Augusto Mesquita e Ari Monteiro. Angela Maria é uma cantora nova que promete. Vamos ver se o público vai gostar dos dois sambas.

(Abelardo Barbosa, *Revista do Rádio*, coluna *Chacrinha musical*, 17/7/1951)

Uma cantora que promete fazer boa carreira no disco — Angela Maria — é a novidade do mês. Com uma voz bem timbrada e de um estilo todo pessoal, canta dois sambas que agradam: “Sou feliz” e “Quando alguém vai embora”. E Angela Maria foi feliz em sua estreia na RCA Victor...

(*A Noite*, coluna *Discos*, 17/7/1951)

Se a cantora diz hoje que estourou mesmo com *Não tenho você*, não se pode menosprezar o sucesso do lado A de seu disquinho, como testemunha Jairo Severiano. “Tomei conhecimento de uma nova cantora chamada Angela Maria ouvindo *Sabes mentir*, em 1951. Esse bolero tocava umas cem vezes por dia na vitrola da pensão em que morava na época, fato que se repetiria logo a seguir com *Não tenho você*.”

*Sabes mentir
Hoje sei que tu sabes fingir
Um falso amor
Abrigaste em meu coração
Sempre a iludir
Tu falavas com tanto ardor
Dessa paixão
Que dizias sentir...*

O autor deste bolero, Othon Russo, contaria anos depois como criara a canção que igualmente o lançou no meio musical. Uma noite brigou com alguém, que lhe dizia muito. Briga feia com promessas de separação. Depois da discussão, Othon sentiu que lhe vinha a inspiração de uma melodia qualquer. E, como não tocava instrumento algum, foi composta a música e a letra ali mesmo, em sua sala de jantar. Na mesma hora ele foi mostrar à sua namorada o que havia feito, motivado pela discussão, e acabou reconquistando a moça. No dia seguinte, foi à Mayrink Veiga e cantou para o maestro Pereira da Silva. Ele aprovou, tanto que ali mesmo se dispôs a tirar a melodia no piano. Um dia depois, mostravam a pérola à Angela. Numa época em que o compositor ganhava apenas 40 centavos por disco vendido, até que deu lucro, pois o 78 rpm, como veremos mais adiante, superou todas as mais otimistas expectativas.

Othon Russo, um homem claro, com cara de estrangeiro, filho de francês, não foi apenas o autor de seu primeiro sucesso, mas em pouco tempo seria também seu primeiro namorado mais sério e divulgado. Russo era apenas quatro anos mais velho que ela e, com o passar dos anos, além de compositor de canções românticas, fazia uma bela carreira a partir da década seguinte, trabalhando como divulgador de grandes artistas na gravadora Columbia. Mas ainda estávamos em 1951 e, naquele tempo, ele só tinha olhos e canções para Angela. Gerdal dos Santos se recorda muito do casal. “Na madrugada, a gente se encontrava com o Othon Russo e a Angela Maria juntos. Achávamos inclusive que eles moravam juntos. Ele tomava conta dela, a acompanhava por toda parte”, diz.

Na verdade, não moravam juntos. Angela saiu da casa da irmã Abdnar quando as coisas começaram a clarear para seu lado e alugou um apar-

tamento na pequena rua Washington Luiz, número 3, na Lapa, numa rua paralela à rua do Rezende, que começa na esquina com Ubaldino do Amaral e termina na Riachuelo. A mãe, Julita, vendo que a carreira da filha parecia de fato irreversível, liberou a irmã Zezé para ir morar com ela e dar-lhe uma ajuda. Nesse tempo, Zezé passou a trabalhar na Gráfica Carioca, no bairro da Usina, zona norte do Rio.

Pouco depois, quando o sucesso foi ficando de fato maior, Angela tomou coragem e foi visitar seus pais, que finalmente entenderam que a filha não havia virado uma prostituta ou nada do gênero. “Quando cheguei, vieram me abraçar, disseram que estavam com saudades, e a partir daí ia sempre visitá-los, muitas vezes em companhia de amigas artistas, pra eles verem que o meio não era tão ruim quanto pensavam”, relembra hoje, afirmando que também passou a dar todo mês uma ajudinha financeira a eles.

Angela continuava bem programada na Mayrink em horários diferentes. Além do seu programa irradiado três vezes por semana às 18h, lado a lado com Jacob do Bandolim, Cyro Monteiro, Joel de Almeida, Patrício Teixeira e os hoje obscuros Darcy Rezende, Osmarina, Vilma Silva, Zilda Maciel, Quarteto Copacabana, Déa Camargo, Milton Gama e Carlos Roberto, também era muito ouvida às 20h30 (dividindo o horário com El Cubanito), neste já acompanhada de orquestra. Em junho, cantou na estreia do programa Música, Sempre Música, às 21h30, com direito à participação da diva das canções latino-americanas, também em início de carreira, Rosita Gonzales, e mais para o final do ano no das 20h (com Zilá Fonseca, o tenor Hélio Chaves e os hoje também desconhecidos Mário Costa e Edson Chaves). Participou ainda do Jardim dos Namorados, programa que ia ao ar às sextas à noite, intercalando esquetes de humor e música, fazendo dupla com o radioator Macedo Neto, e eventualmente em mais três: Ritmos e Alegria, Risos e Melodia e Em Busca do Tesouro.

No início de setembro, Angela começou a participar dos grandes shows que as rádios da época costumavam promover, reunindo seus elencos, de modo a celebrar algum grande acontecimento. No caso, era o retorno à emissora da dupla Joel e Gaúcho, no Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes. Em outubro, foram mais dois shows coletivos: o primeiro no Teatro República, ali perto, na avenida Gomes Freire, pelo

jubileu pugilístico de Jaime Ferreira (um grande ex-dançarino de maxixe que se tornou um famoso juiz de “catch”, espécie de luta livre), e o outro no estádio do Maracanã, pela Campanha Nacional da Criança. Neste último, pela primeira vez, esteve dividindo o palco com um elenco estelar, composto por Dalva de Oliveira, Dircinha Batista, Emilinha Borba, Francisco Alves, Linda Batista, Marlene, Aracy de Almeida, Carlos Galhardo — todos artistas do primeiríssimo time de sucesso da época —, além de Gilberto Alves, Gilberto Milfont, Jorge Veiga, Alvarenga e Ranchinho, Nuno Roland e Black-Out, também bem cotados, e ainda o futuro astro Jorge Goulart, que, assim como Angela, estava começando a despontar, apenas para resumir os principais.

O sucesso de suas gravações iniciais motivou a popular *Revista do Rádio* a finalmente dedicar-lhe sua primeira grande reportagem, em 20 de novembro de 1951, intitulada “Aqui está Angela Maria”, rebobinando sua história até então. Na fotolegenda “O mambo no samba”, ela era flagrada ao lado de seu colega de emissora Cubanito: “El Cubanito volteia no ritmo cubano, enquanto Angela Maria defende o samba. O maestro (Edmundo) Peruzzi comanda a orquestra.” Mal poderia imaginar que estava nascendo ali uma de suas fontes mais lucrativas, pois ela seria dentro em breve uma das três campeãs de aparição nessa publicação.

Quatro dias depois, o colunista Edel Ney, do *Diário da Noite*, dizia que tinha um “furo” para os seus leitores. É que Angela Maria, “a revelação de 1951”, estava com as malas prontas para Manaus, para atuar na Rádio Difusora local: “A intérprete mignon, que é o orgulho da Mayrink, seguirá com diversos astros de nosso sem fio, entre eles Black-Out, e percorrerá ainda as cidades de Campina Grande e Recife, em curta *tournee*.” Essa foi sua primeira excursão artística. E realmente o famoso radialista Jair de Taumaturgo assinou um documento na Mayrink Veiga liberando a cantora para uma licença de 20 dias, a contar do dia 22 daquele mês de novembro, para que ela pudesse se ausentar dos microfones cariocas. Isso era de praxe. Interessava também às rádios cariocas que seus cartazes fizessem nome em outras terras, reforçando de alguma forma o status da emissora que detinha o passe do artista.

O fim do ano chegava e, como sempre, o mercado musical se voltava para o repertório de Carnaval. Funcionava assim: de outubro a feverei-

ro as gravadoras focavam sua produção em sambas e marchas de apelo à folia de Momo. No restante dos meses o repertório era chamado de “músicas de meio de ano”. Desse modo, ela gravou logo quatro canções, acompanhada pela orquestra do maestro Zaccarias. Duas foram lançadas em novembro, e as demais no mês seguinte. De todas, ainda que não fossem assim exatamente fenomenais, *Balança, mas não cai* foi a única que chegou a ter alguma repercussão. Apesar de o título remeter ao famoso programa humorístico da Rádio Nacional que estreara no ano anterior com grande sucesso, ela versava na verdade sobre uma das obsessões morais da época, o casamento (que para a mulher era uma espécie de tábua de salvação eterna em sua vida).

*O casamento da Antonieta
É marmelada, é uma falseta
Vai, não vai
Sai, não sai
Balança, mas não cai
Já reclama a vizinhança
Do casório que não sai
Vai, não vai
Falam já
Que ele balança, mas não cai*

No início de 1952, além de uma pequena temporada na Rádio Jornal do Commercio de Recife, Angela ganhou um pequeno perfil biográfico na revista *Jornal das Moças* e outros dois no *Diário da Noite*, um dos quais relatava algumas de suas preferências: “Para Angela Maria o amor é uma coisa maravilhosa, que não se pode definir. Seu prato predileto é macarronada. Sua maior aspiração é ter um futuro tranquilo. Angela Maria já teve tantas decepções que prefere não recordá-las. Apesar de não ter tempo para praticar esportes, aprecia o vôlei e o basquete. Como mulher, não deixa de perder, todos os dias, algumas horas em frente ao espelho” e outras pérolas deliciosamente sem importância. A *Revista do Rádio* não ficava atrás e, quando pela segunda vez a enfocava com maior destaque em suas páginas, no dia 8

de janeiro, dava mais detalhes “essenciais” sobre a nova estrela, desta vez na coluna *Eu gosto / Eu não gosto*.

Eu gosto...

De cantar, de praia, de bons livros, de samba, de dançar, de feijoada, de Paquetá, de meus fãs, de otimismo, de carnaval, de anedotas, da Mayrink Veiga, de simplicidade, de chuva miúda, de futebol, de turfe, de café com leite, desta revista, de novelas, do [programa] Jardim dos Namorados, de discos, de tranquilidade, de amar, de viver.

Eu não gosto...

De gritos, de sustos, de mau humor, de falsidade, de displicência, de venenos, de sambas chochos, de filas, de acordar cedo, de abóbora, de cinema cheio, de confusão, de vinganças, de falar da vida alheia, de sapato aberto, de penteado gritante, de petulantes, de prepotência, de errar, de comer demais, de engordar, de hipocrisia, de boites, de enterros.

Moral da história: quando a imprensa começava a falar esse tipo de futilidades sobre uma pessoa era porque esse alguém era realmente “alguém” e sua vida fora dos holofotes começava a ser objeto de curiosidade dos fãs.

Chegou fevereiro e com ele o Carnaval carioca. Naquele tempo estavam em via de desaparecer, mas ainda havia os chamados “cordões carnavalescos”, espécie de blocos de foliões mascarados. Um deles, o famoso Cordão da Brasa, ligado diretamente aos Pierrots da Caverna (uma das chamadas Grandes Sociedades — clubes bem frequentados, essencialmente carnavalescos, que promoviam bailes e se mostravam ao público num desfile que no passado era o clímax do Carnaval, com seus componentes desfilando em carros alegóricos), ofereceu na tarde do dia 3 de fevereiro “uma suculenta feijoada à crônica carnavalesca” em sua sede social, na avenida Almirante Barroso, Centro do Rio. Durante esse almoço, a “convidada de honra”, segundo o jornal *A Manhã*, era justamente Angela Maria, que cantou suas músicas gravadas especialmente para a folia.

Quanto às suas gravações, o colunista Ezequiel, do jornal *A Manhã*, escrevia ainda no final de outubro que sua *Balança, mas não cai* estava entre as que vinham “obtendo maior repercussão”, ao lado de *Me deixa em paz*, na voz de Linda Batista. E que assim “as favoritas começavam a tomar pé”. Em janeiro, o mesmo periódico colocava a marchinha de Angela entre as oito de maior sucesso até o momento. No final do mês, entretanto, Edel Ney, do *Diário da Noite*, incluiu a cantora entre os nomes que não conseguiram a projeção esperada no Carnaval. Mas nem tudo estava perdido. Criticamente falando, Sylvio Tullio Cardoso, no *Globo*, incluiu o samba *Meu destino é sofrer*, outra das quatro gravadas por ela, entre “as 10 melhores do Carnaval de 1952”. Era um elogio e tanto, não só pelo prestígio do colunista, como porque a folia daquele ano teve diversas criações de primeira como *Lata d’água* (com Marlene), *Mundo de zinco* (Jorge Goulart), *Maria Candelária* (Black-Out) e a matadora *Sassaricando* (Virgínia Lane). Isso fora o sucesso derradeiro (e premonitório) de Francisco Alves: “Confete, pedacinho colorido de saudade. Ai, ai, ai, ai...”.

Por outro lado, as serpentinas em cima de Angela não paravam de cair. Dentro e fora do Carnaval, já que, mesmo sem o sucesso esperado na folia de 1952, até aquele momento, ela completava um ano de carreira conseguindo o que queria: o aplauso do público, o reconhecimento da imprensa especializada e dois valiosíssimos contratos — na Mayrink Veiga e na RCA Victor. Com apenas oito faixas lançadas, botou dois sucessos nas paradas e foi “convidada de honra” de um cordão carnavalesco. É pouco? Sim, o pior é que era. O que o destino lhe reservava a seguir faria esse seu primeiro ano de carreira ser até “fraco” perto do que estava por vir. Aguardem.

3

Coisas e graças da Bahia (e do Rio)

[1952]

Qual o destino de Angela Maria?

Angela Maria, a neoestrelinha mignon, é uma brilhante revelação de 1951, que rápida e merecidamente conquistou a popularidade. Tem uma linda voz que encanta aos sintonizadores da Mayrink, e já possui inúmeros discos gravados na Victor, inclusive dois, os mais recentes, para o carnaval de 1952 [...]. Neste ligeiro comentário, contudo, não pretendemos elogiar e biografar Angela Maria, e sim dar em primeira mão a notícia de que seu contrato está por terminar na PRA-9, e que ela já recebeu várias propostas interessantes de grandes emissoras cariocas. Angela, porém, ainda não se decidiu e daí a razão de perguntarmos, qual o destino da neoestrela moreninha?

(Edel Ney, *Diário da Noite*, 29/1/1952)

Angela Maria está sai-não-sai da Mayrink. Por quê? Desconfio que ela pensou que babado fosse bico...

(Ricardo Galeno, *Diário Carioca*, coluna *Rádio*, 7/2/1952)

A primeira prova de que Angela Maria veio para ficar são essas duas notas nos jornais. Já havia quem estivesse de olho na jovem estreada de sucesso e seu passe já era cobiçado. Mas ela continuou na Mayrink Veiga. Em 1º de março de 1952, a emissora renovou por mais um ano o contrato com ela, desta vez mais longo e rebuscado, com mais cláusulas, assinado por Gilson Amado. Se anteriormente ela recebia 4 mil cruzeiros por mês, agora, em março e abril, o ordenado ficava em 5 mil. Mas de maio em diante os proventos aumentariam ainda mais: 6 mil pratas.

Entretanto, a segunda e definitiva prova de que Angela Maria veio para ficar é que, a partir de então, já em seu segundo ano de carreira, ela não passou mais de uma semana sem ser citada em algum jornal ou revista. Isso quando não era citada três, quatro, cinco vezes por semana. Detalhe: até então, ela tinha apenas um 78 rpm de sucesso, com *Sabes mentir* e *Não tenho você*. Apenas. Só que... ela não parava de tocar — e de vender! Claro que não foi da noite para o dia, mas, com o passar do tempo, uns dois anos depois, ela bateu 150 mil unidades! É possível acreditar numa coisa dessas para uma cantora iniciante, com tantos concorrentes excelentes em atividade? Mas era verdade.

Em março, em sua coluna na *Revista do Rádio*, Chacrinha destacava “o bonito samba-canção” *Não tenho você*, gravado por ela na Victor. E, pelos próximos três meses, sempre o citava entre as primeiras colocadas dos *Sucessos da Semana*. No final do mês, ela só perdia para *Se você se importasse*, da também estreante Doris Monteiro, mas ganhava do gracioso choro *Galo garnizé*, com Ademilde Fonseca, e do doce samba-canção *Meu sonho é você*, com Orlando Correia. Manteve-se firme na segunda posição nas semanas seguintes, ganhando de joias como *Nunca*, com Dircinha Batista, *Sábado em Copacabana*, com Lúcio Alves, e *Poeira do chão*, com Dalva de Oliveira. Em um mês, chegou à primeira colocação. No mês de abril, novamente figurava entre os discos mais vendidos e executados, segundo diversos jornais, ao lado de outras já citadas e inúmeros baiões. Ah, sim, é bom que se diga que se vivia a febre do baião nessa época, desde 1946. Era o único gênero que dava uma alegrada numa parada de sucessos nativa dominada por sambas-canções e boleros machucados.

Angela continuava a se apresentar na Mayrink, agora sempre no horário nobre das 20h ou das 20h30, ao lado de Edson Chaves ou Hélio Chaves. Em abril, a Victor lançava seu mais novo 78 rpm, desta vez com o samba-canção abolerado *Eterno amargor*, reunindo agora curiosamente os dois autores estreantes que a consagraram numa só composição: Othon Russo, de *Sabes mentir*, e Paulo Marques, de *Não tenho você*. Mais uma facada no peito: “Longe de ti / Minha vida é um rosário de dor / É esperar, é sofrer, é chorar / É um eterno amargor...” Do outro lado, o samba *Meu coração*, de Augusto Mesquita, que lhe dera sua gravação de estreia, agora com o violonista Jayme Florence, o Meira, seu parceiro mais constante. Mais uma dor de cotovelo: “Vem, não posso mais disfarçar / Não devo

mais ocultar / Meu desespero por ti, vem...” Como foi dito, era uma fase de machucar os corações. Quanto mais, melhor.

De repente, Fernando Lobo, grande cronista, especializado em assuntos da noite boêmia do Rio (e dublê de compositor) confundiu, numa nota de sua coluna no jornal *A Noite*, o nome de Angela Maria com o de uma certa “Maria Angela”, que fazia temporada na boate Vogue na ocasião. Ela não gostou e chamou-lhe a atenção. Ele então tirou sua forra após ouvir seu novo lançamento. Disse tratar-se de dois plágios. *Eterno amargor*, da canção francesa *Si tu partais*, de Michel Emer, e *Meu coração*, de *Canção do amor cubano*, de Jimmy McHugh, Herbert Stothart e Dorothy Fields: “Ora, Angela Maria, que parece ter cuidado extremo pela sua subida na escada da arte, realizou num golpe só uma das façanhas mais perigosas que um artista pode fazer: gravar um plágio dos mais clamorosos [...]. Isso quer dizer que a cantora teve intenção de querer aparecer montada em duas melodias que não são nossas e que são sucessos mundiais. Pena que ela pertença a outros nomes e que apareçam no selo de compositores que Angela Maria elege como melhores para fazê-la um cartaz. Cuidado, Angela, é difícil a subida e caminha melhor quem caminha em linha reta!”, vaticinou.

Coitada, Angela nem tinha cultura suficiente nessa época para reparar tal engodo. Mas, de fato, o plágio foi percebido também por Sylvio Tullio Cardoso, que entretanto livrou — com justiça — a cara da intérprete, louvando inclusive sua interpretação.

Angela Maria — “Meu coração” e “Eterno amargor”

*A criadora de “Não tenho você” canta sutil e adocicadamente o samba “Meu coração”, de Augusto Mesquita e Jayme Florence. Angela Maria é entoada, de timbre dos mais agradáveis, e dá uma ternura simples à melodia que é exclusivamente sua. Está personíssima também no samba “Eterno amargor”, cuja melodia é plágio flagrante da introdução de “Si tu partais”. Nos dois lados bom acompanhamento de conjunto melódico. Valor artístico: Lado A *** Lado B * Comercial ***

(Sylvio Tullio Cardoso, *O Globo*, coluna *O Globo nos discos populares*,
16/4/1952)

No dia 1º de maio, Dia do Trabalho, o presidente Getúlio Vargas discursou no Estádio do Vasco da Gama, às 15h45. Em seguida, o público carioca foi contemplado por um show com grandes nomes da cena artística de então, promovido pela Associação Brasileira de Rádio, incluindo o animador César de Alencar, os atores Grande Otelo e Luiz Americano, a vedete-cantora Virgínia Lane e mais Luiz Gonzaga, Vocalistas Tropicais, Jorge Veiga, o Conjunto Regional de Dante Santoro e a nossa Angela, que mais uma vez participava num evento de grandes proporções.

Em maio de 1952, a Rádio Mayrink Veiga estava disposta francamente a começar a se reerguer após um período de baixa que vinha desde o final dos anos 1940, quando ascenderam a Tupi e a Nacional, que se converteu a partir de então em líder absoluta de audiência. Não era sem tempo, afinal de contas foi ali que nasceram todos os programas que fariam escola na radiofonia brasileira (noticiários, humorísticos, musicais, esportivos...), além de ter sido a primeira a se preocupar mais seriamente com os direitos trabalhistas de seus contratados. De modo a honrar tal passado de glórias, vários novos artistas e produtores estreavam no dia 12 naquela emissora. A saber: os escritores Antônio Maria e Haroldo Barbosa (também compositores), os locutores Cesar Ladeira e Luiz Jatobá, o comêico Matinhos, além de grandes atrações musicais.

Às 21h daquela mesma data, entrava na grade de programação o humorístico Rua da Alegria (“Nesta rua residem Antônio Maria, Germano, Aloisio Silva Araujo, João Fernandes, Maria Vidal, Mário Costa, Zé Trindade, Déa Camargo, Angela Maria e outros”). E às 22h05, o especial São Quatro Grandes, com Dircinha Batista, Marlene (esta, emprestada da Nacional), Aracy de Almeida e novamente Angela. Vejam que em pouco mais de um ano de atividades ela já aparecia emparelhada com as maiores estrelas daquele tempo. Parecia até presente de aniversário, pois no dia seguinte ela completaria 23 aninhos.

Em junho, a RCA Victor soltava mais dois disquinhos de Angela, o primeiro com a sofrível toada *Doença do amor* (Altamiro Carrilho / J. Freire), que dizia: “Se não quer apartamento / Não quer luxo nem riqueza / Já não quer felicidade / Pobrezinha da pequena / Dela tenho

muita pena, ela ama de verdade...”, e o samba-canção *Paciência* (Helio Nascimento / Osvaldo Loretí) — este um daqueles ótimos exemplares do estilo “volta por cima”: “Quando eu quis te amar não me quiseste / Disseste-me assim: ‘Paciência’ / Hoje eu tenho um outro amor, a quem desejo bem e amo com fervor / Para abandoná-lo, dói-me a consciência / É melhor devolver-te a palavra: ‘Paciência.’” A propósito, com a palavra, novamente Sylvio Tullio Cardoso:

Angela Maria — “Doença de amor” e “Paciência”

*Uma toada sem grande atrativo e um inspirado samba-canção, ambos magnificamente vocalizados por Angela Maria. Continua cantando muitíssimo bem a criadora de “Não tenho você”. Voz doce, um fraseado personalíssimo e uma afinação prodigiosa. O acompanhamento orquestral também está melhor no lado B. Valor artístico: Lado A * Lado B *** Comercial A zero Comercial B ***

(Sylvio Tullio Cardoso, *O Globo*, coluna *O Globo nos discos populares*, 24/6/1952)

A segunda bolachinha era com *Nasceu para mim*, da obscura autora Nina Fortes, mais um samba-canção sobre uma pessoa atormentada — bem anos 1950 — que chora “o amor de quem não me soube amar”, e o samba-canção *Meu dono, meu rei*, outra de seu “padrinho” Cyro Monteiro, com Dias da Cruz, que teve maior destaque por ter uma prosódia mais graciosa. Sua letra é emblemática por tratar de um dos assuntos recorrentes nos primeiros sessenta anos de música brasileira gravada: pancada em mulher — da óptica imparcial do homem que bate. A sociedade brasileira, sempre muito machista, não perdoava qualquer deslize feminino (mesmo que o suposto deslize estivesse apenas na cabeça masculina), e esse tipo de punição era encarado com certa naturalidade pelas próprias vítimas e até pelas cantoras de então, que cansaram de gravar músicas com tal temática, compostas invariavelmente por homens. Sim, porque havia poucas mulheres autoras nesse tempo com um trabalho minimamente expressivo — como comprova o próprio lado A deste 78 rpm.

*Você só me bate, pretinho
Não faz um carinho pra me consolar
E eu que sou tão boazinha, tão direitinha,
Sei lhe respeitar
Talvez que de agora em diante
Meu sonho distante realizarei
Tomara que a vida da gente mude totalmente
Meu dono, meu rei*

*[...] Você só me bate, pretinho
Não faz um carinho e eu choro de dor
Eu choro, mas não sou covarde
Pois sei que não arde pancada de amor*

Ela estava agradando, com letra masoquista e tudo!

Angela Maria, uma das mais positivas revelações destes últimos tempos, continua subindo. Em um de seus últimos discos, que reúne os sambas “Nasceu pra mim” e “Meu dono, meu rei”, podemos apreciar a voz suave e o timbre melodioso da nova estrela da nossa música popular.

(Correio da Manhã, coluna Música popular, 29/6/1952)

Nessa altura, um artigo do *Diário da Noite*, na coluna *Pelos microfones da cidade*, mostra Angela como uma “ovelha tosquiada”. Como assim?

Angela Maria, você parece uma ovelhinha que foi buscar lã e voltou tosquiada. Onde estão os seus discos, de sua bomba musical “Não tenho você”? A Victor distribuiu, quando muito, uns vinte mil discos. Estão boicotando você, beleza? Você deveria se encher com o resultado da venda, e só recebeu, quando muito, uns vinte mil cruzeiros. A procura é imensa e os discos não aparecem... Tem dente de coelho por aí...

Como se vê, a ovelhinha, mesmo tosquiada, aparecia cada vez mais e foi pastar em outros campos. Após cantar no aniversário de 2 anos do programa de Paulo Gesta, na Mayrink, ao lado de grande elenco, partiu para sua segunda excursão pelo Brasil, dessa vez mais requintada. Foi a convite da companhia de Renata Fronzi e Cesar Ladeira, um dos casais mais famosos do meio artístico de então. Ela, vedete consagrada, e ele, uma das vozes mais marcantes de todos os tempos da história do nosso rádio, apresentando programas inesquecíveis como Seu Criado Obrigado — que tinha à época em dupla com a radioatriz Daisy Lúcida, na Nacional. Sem guarda-roupa adequado, Angela correu numa das Lojas Exposição, no Centro do Rio, e tratou de abrir seu primeiro crediário. Claro, já era vaidosa, e queria ir toda bonita na excursão.

No primeiro sábado de junho, o prestigiado casal aportou em Recife com seu grande elenco para uma única apresentação no Clube Náutico Capibaribe. Era o primeiro show da companhia fora do Rio, após sua aclamada série de cafés-concertos na boate Acapulco, em Copacabana. Tratava-se de uma revista musical, um gênero ainda muito em voga naquela época, que trazia alguns dos melhores quadros desses “cafés”, cujo elenco era formado por Wellington Botelho, Matinhos, Paulo Rodrigues, Jacques Paranhos, Jane Gray, Carmen Machado, além da nossa Angela Maria, o maestro Ercole Varetto e um balé de oito figuras, entre as quais Arlete e Ivy Lee. O jornal *A Noite* só lamentava que “um espetáculo tão bom e com um elenco de primeira” fosse apresentado apenas “uma única vez”. Foi, a propósito, por conta dessa atuação que o jornalista, cronista, produtor e radialista Antônio Maria, recém-lançado também como compositor, fez seu primeiro grande elogio à cantora. O fato ocorreu em sua coluna no jornal *Última Hora*.

Cantando muito bem a senhora Angela Maria. Agora mesmo, quando foi ao Recife com o teatro cômico de César Ladeira, a estrela da Mayrink foi um sucesso fabuloso. Continua vendendo muito o seu disco “Não tenho você”.

(Antônio Maria, *Última Hora*, coluna *E passamos a apresentar!*,
20/6/1952)

Não demorou muito para Antônio Maria ser escalado redator do primeiro programa solo da cantora na emissora. “Inicialmente eu cantava com o Regional do Canhoto, com Altamiro Carrilho e aquela pequena turma de músicos no auditório da Mayrink, às 18h. Depois, ganhei um programa das 20h, com orquestra. Chamava-se Angela Maria Canta e era escrito por ele, um sujeito bonachão, simples, o compositor predileto da Nora Ney. Um dia ele me chegou com o *Ninguém me ama*, e eu lhe disse: ‘Me desculpe, mas essa música é muito moderna!’ Aí veio com *Menino grande*, a mesma coisa. Perdi outro sucesso”, resigna-se hoje, lembrando que quem a apresentava nesse programa era o locutor Cid Moreira.

Futuro grande âncora de telejornais, Cid Moreira deixou São Paulo rumo ao Rio bem no início de 1951, aos 24 anos (nasceu em 29 de setembro de 1927), depois de atuar na Rádio Bandeirantes (cujo slogan era “A mais popular emissora paulista”), apresentando os maiores nomes da música brasileira e internacional. Foi contratado pela Mayrink pouco antes de Angela, permanecendo ali pelos próximos 13 anos, e lembra-se de vê-la ainda muito mocinha no dia de seu teste. “Eu estava na cabine da emissora, quando fui chamado para fazer a locução de uma apresentação na primeira vez que ela pisou na rádio. Ainda não era no auditório, mas no estúdio. Fiz a locução da própria cabine. Ela ainda tinha uma aparência bem simplesinha e foi cantar com o regional do Canhoto.”

Em 1952, ele já era o locutor de seu programa, num estilo bem formal, como convinha à época. “Lia um trecho com uma conotação de acordo com a letra da música que vinha a seguir, e ela começava a cantar”, lembra ele, que aí sim testemunhou seu sucesso crescente. “O auditório de lá não era grande, então se formava uma fila enorme e rapidamente os ingressos se esgotavam, ficava abarrotado. Tinha gente em pé, até pendurada no lustre para vê-la [risos]. Lotava, você não faz nem ideia do que era aquilo”, recorda, explicando que mais tarde chegou novamente a trabalhar a seu lado numa propaganda do antiácido Alka-Seltzer.

Voltando ao mês de junho, sua bolachinha com *Meu dono, meu rei* já estava entre as mais vendidas na Loja W.M. Reis S/A, em lista divulgada pelo *Correio da Manhã*, e vale dizer que seu balão não parava de subir. Angela foi destaque na impagável seção *24 horas na vida de um artista*, da *Revista do Rádio*, em que o retratado fazia poses *fakes*, de mentirinha,

de modo a mostrar seu cotidiano — acordando, almoçando, ensaiando, trabalhando no rádio, enfim. No final do mês, entretanto, ela passou por sua primeira saia-justa. Ao ser escalada para participar do programa da Mayrink, *Aí Vem o Sucesso*, entre 11h e 13h, para cantar o fado *Coimbra*, ela se recusou terminantemente a fazê-lo. Acontece que a rádio não era a casa da mãe Joana; as regras disciplinares eram muito rígidas. Sendo assim, a cantora levou uma advertência.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1952

ADVERTÊNCIA

Snr. Dr. Gilson Amado:

Comunico a V.S. que a cantora Angela Maria não compareceu ao programa para o qual estava programada. Cumpre acrescentar que a referida cantora ao ser avisada ainda antes do programa, por telefone, negou-se a cantar o número musical que lhe fora indicado, dizendo que, para tal, não compareceria à Rádio.

Jair de Taumaturgo

Em outro ofício do mesmo dia, Jair comunicou o ocorrido também ao diretor do Departamento Pessoal...

Ao Snr. Edgar Varela — diretor do Pessoal

*Comunico a V.S. que a cantora Angela Maria não compareceu hoje ao programa *Ritmos e Alegria* para o qual estava programada. Em vista disso resolvi multá-la, hoje, e suspendê-la amanhã, dia 1º de julho de 1952.*

Jair de Taumaturgo

Abaixo das palavras de Jair, entretanto, o diretor da rádio, Francisco Abreu, escreveu que somente se houvesse reincidência, dali por diante, a cantora seria suspensa.

Entrevero superado, Angela subiu a serra em julho, até Petrópolis, para participar do aniversário da Rádio Difusora local, em mais um show coletivo com Doris Monteiro, Zé Fidélis, Nelson Gonçalves, Ester de Abreu, Alvarenga e Ranchinho e a Orquestra de Ruy Rey. No restante do mês ela continuava firme no horário das 18h na Mayrink, revezando-se com diversos nomes iniciantes como ela, ou sozinha mesmo às 20h. Enquanto isso, depois de recusar uma oferta da Tupi para rescindir seu contrato com a Mayrink, mais um 78 rpm seu foi lançado na praça, trazendo no lado A o lindo samba-canção abolerado *Desejo* (mais uma da dupla Othon Russo e Paulo Marques, agora sem acusação de plágio), de contornos um tanto sensuais, ainda que com uma pontinha de dor de cotovelo, inerente à época, como não poderia deixar de ser.

*Os meus lábios só desejam os lábios teus
Os meus braços só desejam os braços teus
Quando estás ao meu lado
Ou quando estás ausente
Eu confesso em meu peito estás presente
Meu amor, não me deixes no meio da estrada
Só nós dois findaremos a nossa jornada...*

Do outro lado ela também caprichou. Gravou o boleraço *Recusa* (Herivelto Martins). O disco rapidamente entrou para o rol dos mais vendidos na loja W.M. Reis S/A, dessa vez dividindo as preferências com Dalva de Oliveira e Roberto Inglez (*Kalu*), Carlos Galhardo (*Contraste*), Jorge Goulart (*Jezebel*) e a francesa Dany Dauberson (*Un air d'autrefois*).

Dirceu Ezequiel, no periódico *A Manhã*, na coluna *Discografia* do dia 26 do corrente mês, elogiou sua gravação de *Desejo*. Entre as duas canções do disco, esta também foi a favorita do colunista (não identificado) que cobria música no *Correio da Manhã*, o qual arriscou um prognóstico: “O primeiro lado, em nível bem superior, tem algum futuro.” Errou na mosca! A verdade é que nenhuma delas fez sucesso. Quer dizer, *Recusa* foi um estouro, mas não naquele momento, mas sim quando ela a regravou dois anos depois.

Saiu-se bem, no fim das contas. Tudo em paz então? Não. Dia 15 de agosto, Angela novamente se aborreceu com seus diretores da Mayrink.

SUSPENSÃO

Angela é suspensa por dois dias por grave desrespeito a esta Direção ao arrancar do quadro de ocorrências um aviso que a repreendia por ter faltado ao ensaio do programa Música, Sempre Música de ontem, dia 14 deste.

Jair de Taumaturgo

Aproveitamos a oportunidade para certificar-lhe que não mais toleraremos a repetição de semelhante ato de indisciplina sob pena de então sermos obrigados a agir com mais rigor, o que nos é imensamente desagradável.

Francisco Abreu

Uma pequena matéria no *Diário da Noite* mostra que tais advertências e suspensões de Angela Maria não eram um fato isolado.

Informando. Assim não é possível!

Tivemos oportunidade de ler, como muita gente também o teve, no aviso afixado num dos quadros existentes na rádio Mayrink Veiga, o seguinte: “Angela Maria suspensa por um dia, por não ter comparecido ao programa Ritmos e Alegria.”

A cantora não gostou da punição e procurou Jair de Taumaturgo a fim de mostrar sua revolta, pois não se conformava com a pena que lhe fora imposta. O resultado não lhe foi favorável. Jair considerou a reclamação como ato de indisciplina e deliberou suspendê-la por dois dias. Segunda-feira última terminou o castigo que lhe foi imposto e voltará a cantar.

Voltará a cantar ou será suspensa mais uma vez, porque ela, bem como Zilá Fonseca e outros, não estão dispostos a interpretar números do repertório de artistas da Rádio Nacional. Esta imposição existe e ninguém está disposto a cumpri-la. O descontentamento é geral e todos esperam a intervenção do senhor Antenor Mayrink Veiga no sentido de que o cast da “Sua estação” também possa usar o microfone.

Nada disso, entretanto, parecia sequer abalar o sucesso crescente de Angela. Tanto que no mesmo jornal, dias depois, se podia ler o seguinte: “A cantora revelação de diversos programas de calouros está abafando na radiofonia carioca.” A matéria profetizava que ela tinha pela frente “um futuro promissor”, que um de seus predicados era cantar “somente músicas criadas para ela” — talvez daí venha a vaidade (ou pura inteligência) de não querer defender o repertório dos colegas da Nacional em seus horários na Mayrink. Frisava ainda que ela continuava podendo ser ouvida às terças, às 20h, no tal programa Ritmos e Alegria daquela emissora, e que no cinema, além de já ter gravado a película *Com o diabo no corpo*, estava escalada para mais uma com temática carnavalesca. Para arrematar com chave de ouro, estava no elenco do novo show de uma das mais chiques boates da zona sul carioca, o Casablanca, na Praia Vermelha, de propriedade de Carlos Machado — mesmo dono da Monte Carlo, no alto da Marquês de São Vicente, na Gávea. Aos não iniciados nos anos 1950, é bom que se diga que “boate” se escrevia “*boite*” na imprensa da época, com “i” e sem o circunflexo francês.

Os jornalistas (e compositores bissextos) Fernando Lobo e Paulo Soledade escreveram o show *Coisas e graças da Bahia*, com roteiro inspirado nas canções de Dorival Caymmi — com direito à ambiência de pescadores e baianas retratados em elementos do cenário e na indumentária dos participantes —, e convidaram o próprio para estrelá-lo. Para fazer par romântico com o mestre das canções praijeiras, quem foram buscar? “Angela Maria, a mais nova e mais aplaudida cantora popular”, conforme as palavras do jornal *A Noite*. Como se pode observar, Lobo já havia superado a antipatia inicial com a cantora quando escreveu que ela gravara dois supostos plágios em disco. Ainda sobre o show, o próprio explicava agora em sua coluna *Depois da ½ noite*, no referido periódico, em 20 de agosto, que a boate Casablanca estava em processo de remodelação geral — mobiliário, serviço e atrações — e que três shows estavam programados para os que quisessem conferir seus novos predicados, estrelados por Edu da Gaita, pelo Carrol’s Ballet e Dorival Caymmi.

A estreia da revista de Lobo e Soledade estava prevista para 1h30 da madrugada do dia 22 — na verdade já 23 — de agosto. Além de Caymmi e Angela, o espetáculo trazia o sambista negro Caco Velho (que, apesar

do nome, era jovem), o trio As Três Marias na sua penúltima formação, com Hedinar Martins (irmã de Herivelto), Nilza de Oliveira e Carmen Déa, mais o violonista Bola Sete (que, além de tocar, vivia um pescador no show) e diversas belas vedetes. Antes, à meia-noite e meia, o show de abertura era do Carrol's Ballet, cujo astro era o dançarino Wladimir Irman, *habitué* do Theatro Municipal e do extinto Cassino da Urca.

Pois o show foi um sucesso estrondoso, com casa cheia todas as madrugadas. “Quem desenhou o cardápio fui eu. Fiz desenhos de baianos, uma capa mais chamativa. Angela Maria cantava seu número com aquela voz bonita, vestida de baiana, mas sem turbante, sem o torço na cabeça”, explicou Dorival Caymmi anos mais tarde.

O assunto rendeu em todos os grandes jornais da época, não só em anúncios como na crônica especializada. Existia um grupo de jornalistas que rondava a boemia carioca, e sempre dizia o que havia de melhor e de pior em evidência na cidade. João da Ega, em sua saborosa coluna *Black tie*, na *Última Hora* do dia 26, por exemplo, adorou.

Sáimos já tarde para levar alguns amigos e conversar fiado pelo caminho. E porque o Fred's estivesse já fechado saímos correndo para o Casablanca, atendendo ao telegrama publicitário daquela boite. Mas dado o avançado da hora (mais de três da manhã), não nos foi dado a precisar o valor do show. A decoração, a cargo de Marcelli, é linda e de muito bom gosto. A música (direção e roteiro musical) de Fernando Lobo e Paulinho Soledade contém a bossa e o valor que lhes é peculiar. Angela Maria quer nos parecer um grande número e Caymmi, o mesmo gigante de sempre.

Sergio Porto (Stanislaw Ponte Preta), outro emérito cronista carioca e boêmio, criador de programas cômicos radiofônicos (e, mais tarde, televisivos) e das Certinhas do Lalau (seleção de vedetes bonitas que escolhia a dedo a cada ano, em sua coluna de jornal), era outro a enaltecer o espetáculo no *Diário Carioca*, classificando-o como “um dos melhores shows de boate dos últimos tempos”. Aproveitava, como convinha à imprensa mais engajada daquele tempo, e descia o pau no complexo de inferioridade do brasileiro, de sempre enaltecer qualquer gringo que

aparecesse em nosso solo (ou música gringa ou versão de música gringa — coisas que eles odiavam), muitas vezes enchendo-os de privilégios e adjetivos, em detrimento dos nossos próprios brazucas — no caso Caymmi, Angela e companhia, merecedores, segundo ele, de todas as loas. Em uma crítica detalhada, citava todas as músicas do espetáculo. Curiosamente, músicas vivas e fortes na memória de todos os amantes da MPB até os dias de hoje. Em 1952, entretanto, era o primeiro show daquela natureza que Caymmi protagonizava no Rio, cantando tantas obras-primas juntas e num formato de revista.

Simples, singelo, notando-se que os autores procuram evitar ao máximo os monólogos e diálogos enfadonhos, tão comuns nas “revuettes”, o show com Dorival Caymmi contou com a colaboração eficiente do coreógrafo Wladimir Irman, do cenógrafo Marcell, do figurinista Walmir, da orquestra de Britinho, das Três Marias, do guitarrista Bola Sete e, principalmente, Caco Velho e Angela Maria, dois excelentes sambistas da nova geração, cujos dotes artísticos hão de estar causando inveja aos borocoxôs do rádio e aos imitadores de Bing Crosby que surgiram por aí.

Mas a grande atração do espetáculo é sem dúvida Dorival Caymmi ou, mais precisamente, a música de Dorival Caymmi. Somente os grandes sucessos do cantor baiano são tocados em “Coisas e graças da Bahia”. Angela Maria, Caco Velho, as Três Marias e Dorival — por sinal excelente em todas as suas intervenções — cantam algumas das mais representativas melodias do criador de “Quem quiser vatapá”. Entre outras, são ouvidas nos diversos quadros: “O mar”, “Samba da minha terra”, “Dois de fevereiro”, “Coqueiro de Itapoã”, “Lagoa do Abaeté”, “Marina”, “Dora”, “Rosa morena”, “Lá vem a baiana”, “Promessa de pescador”, “São Salvador”, “Nem eu”, “Cantiga”, as mais belas páginas, enfim, compostas pelo “cantor dos mares da Bahia”.

[...] Foi tudo muito bom! Só uma coisa nós, na da terceira à direita, não gostamos: foi da conta, naturalmente. Os senhores proprietários do Casablanca podiam, perfeitamente, ficar ricos mais devagar.

A plateia seleta e, de fato, rica que prestigiava o Casablanca teve visitas ilustres durante a temporada, como o compositor Ary Barroso, que dera nota máxima à Angela em seu programa de calouros muitos anos antes e que agora passaria a ser seu fã, além do ator e diretor de cinema de Hollywood, John Wayne, que se empolgou com o show na companhia do inesquecível playboy Jorge Guinle (e sua senhora). O astro foi devidamente clicado ao lado de nossa estrelinha mignon pelos fotógrafos de plantão. Havia também gente da política, como Napoleão de Alencastro Guimarães; Flores da Cunha, irmão de Getúlio Vargas; e João Goulart (então ministro do Trabalho). “Ele [Jango] ia todas as noites, se sentava na mesma mesa e pedia sempre a mesma bebida. Era só eu acabar de cantar para ele ir embora”, orgulha-se, hoje, a cantora.

Em setembro, mais comentários continuavam a sair na imprensa. João da Ega, da *Última Hora*, novamente elogiava muito o espetáculo, ainda que dizendo preferir Caymmi cantando sozinho ao violão a fazendo esquetes nessa mesma revista, e aproveitava para incensar sua parceira de cena: “Há cantoras de muita categoria, mas Angela Maria é a voz que — se bem trabalhada — será o grande sucesso dos anos que estão por vir.” E, no jornal *A Noite*, uma nota dizia que “o sucesso atual das noites do Rio é sem dúvida a presença de Angela Maria em *Coisas e graças da Bahia*”.

Finalmente, Braga Filho em *A Manhã* ia além: “Se outras qualidades não tivesse o espetáculo de Soledade e Lobo, em vitoriosa temporada no Casablanca, bastaria a de ter revelado para o grande público a esplêndida intérprete de *Não tenho você*. Angela Maria é de fato um dos pontos altos da revista praieira — congrega simpatias com a interpretação impecável, onde a voz plena de colorido sabe dar a todos os versos e todos os subentendidos das frases o destaque precioso. Além dos três shows que nababescamente o Casablanca vem anunciando, a publicidade poderia também propalar as virtudes de uma quarta apresentação de classe, pois, em verdade, Angela Maria é um show à parte.” Não bastasse tal saraivada de elogios, uma semana depois saiu-se com esta: “Angela Maria meteoricamente se transformou na atração número um do Casablanca, superando em alguns pontos a estrela maior de *Coisas e graças da Bahia*, que é o baianíssimo Dorival Caymmi.”

Duas semanas após a estreia bombástica, chegava ao Rio um grande pianista escocês e chefe de orquestra na Inglaterra, Roberto Inglez. Naquela altura, aos 39 anos (nasceu a 29 de junho de 1913), ostentava um recorde mundial de venda de discos num período em que concorria com o seu contemporâneo americano, Carmen Cavallaro, um ás do piano tradicional, também líder de orquestra, em repertório eclético. Apesar de ter obtido muito êxito no Brasil com sua gravação de *Canção de Dalila* (*The song of Delilah*, 1949, do filme *Sansão e Dalila*, do diretor Cecil B. DeMille), ao contrário do colega nova-iorquino, Inglez era mesmo especialista em ritmos sul-americanos, que os EUA e a Europa estavam descobrindo — e adorando.

Sua admiração pelo Brasil era sabida, não só por já ter gravado algumas de nossas canções — como *Copacabana* (Braguinha e Alberto Ribeiro), *Aquarela do Brasil* e *Os quindins de Yayá* (ambas de Ary Barroso), *Nasci para bailar* (Joel de Almeida) e *Dengoso* (Ernesto Nazareth). Gravou até um álbum tentando executar o samba brasileiro, em 1951 (*Samba, samba*, na Coral Records) —, mas não apenas por isso: Inglez acompanhou também a Rainha do Rádio de 1951, Dalva de Oliveira, numa série de gravações na Odeon britânica. Naquela ocasião, ela havia vendido tantos discos por aqui entre 1950 e 1951 que ganhou da gravadora uma viagem à Europa, onde se apresentou em Portugal, Espanha e Inglaterra. E foi justamente em Londres que, na companhia do maestro, Dalva gravou 17 músicas que foram aos poucos saindo por aqui em seu retorno e tomando conta do país. Roberto chegou ao Rio no dia 9 de setembro de 1952. Três dias depois, Fernando Lobo tratou de levantar sua bola também na coluna no jornal *A Noite*.

Roberto Inglez consegue absoluto sucesso entre nós. Depois de uma viagem atribuladíssima, o regente e pianista europeu está na Nacional, na Rádio Clube, na Mayrink e na boite Casablanca. Ele elegeu Angela Maria como a mais completa intérprete de nossa música e o fez muito bem, porque a nossa estrela representa algo de extraordinariamente novo no terreno da música popular.

(Fernando Lobo, *A Noite*, coluna *Depois da ½ noite*, 12/9/1952)

Ocorre que Roberto foi fazer uma temporada justo no Casablanca, no horário posterior ao do show de Caymmi e Angela, e em sua primeira noite na casa, na hora do ensaio, ao se deparar com aquela cantora à sua frente, rapidamente já a convidou para apresentar-se a seu lado em seu próprio show, cantando *Kalu* e *Fim de comédia*, e também nos recitais que fazia em rádios nativas. Nos três meses em que ficou no Rio pipocaram notas e matérias nos mais variados veículos de imprensa, todos incensando sua admiração pela cantora.

O colunista social Ibrahim Sued, também no dia 13 de setembro — mesma data em que ela foi capa pela primeira vez de uma revista, no caso, da *Revista Carioca* de número 884 —, em sua coluna *Binóculo*, na *Gazeta de Notícias*, era mais um a atestar seu sucesso estrondoso.

No Casablanca, Angela Maria, a revelação do rádio de 1952, depois de furar completamente o show “Coisas e graças da Bahia”, de Dorival Caymmi, também empanou um pouco do brilho de Roberto Inglez. O pianista britânico acompanha Angela Maria em duas canções brasileiras.

O *Diário da Noite* do dia 24 de setembro afirmava que Angela também vinha participando “com sucesso” das audições de Roberto Inglez na Rádio Mayrink Veiga às segundas e quintas-feiras, às oito da noite, e voltava a dizer que “o maestro a considerou uma das artistas mais interessantes das quanto já acompanhou em gravações e programas radiofônicos”. Apesar de ter estreado sua temporada na Rádio Nacional ao lado de Dalva de Oliveira, ele quis levar para outros estados — e até mesmo para uma turnê pela Europa — não Dalva, mas Angela. Com certeza, a rivalidade das duas maiores vozes do Brasil de então começou involuntariamente — à revelia de ambas — com esse episódio, pois a imprensa deu várias alfinetadas na Rainha da Voz por conta disso.

Vocês sabem quem mais lucrou com a vinda de Roberto Inglez ao Rio? Não, não foi Dalva Kalu de Oliveira. Foi a pequenina e moreninha Angela Maria. Toda a publicidade da boite Casablanca ligava o maestro à cantora e em entrevistas aos jornais o famoso Inglez confessou-se maravilhado com a voz do brotinho. Resultado, a menina foi pras cabeceiras. Tudo isso não é lero-lero, estou contando para vocês verem a força da propaganda. Terminada a temporada de Roberto Inglez, Carlos Machado ofereceu 30 mil cruzeiros por mês à Angela Maria para ser crooner da Monte Carlo. A moreninha achou pouco e recusou. Dizem que vai cantar no Vogue por 40 mil cruzeiros mensais. Sabem lá o que é isso? Há um ano atrás ela própria nunca poderia prever um sucesso tão rápido.

(Potin & Cie., *Diário Carioca*, coluna *La Ronde*, 16/11/1952)

Angela, hoje, tem ótimas recordações dessa fase do Casablanca. “O Caymmi foi meu companheiro nesse espetáculo musical em que ele fazia o papel de um pescador, e eu era sua noiva. Ele saía pra pescar, e eu ficava na beira da praia, esperando ele chegar da pesca e cantando. Quem me convidou para tomar parte neste show foram Paulinho Soledade e Fernando Lobo. Foi nessa época que eu comecei a cantar *Nem eu*, que vim a gravar mais tarde”, explica a cantora, que se recorda de casas lotadas diariamente. “Isto se dava também pelo sucesso do Caymmi, que já era um absurdo naquela época.” Ela aproveita para falar do carinho que o baiano tinha por ela: “Caymmi era finíssimo. Tinha muita admiração e cuidado comigo porque achava que eu era muito nova. Pedia para o Carlos Machado ou pro Paulinho Soledade: ‘Deixa ela no camarim e só chama na hora de entrar em cena.’ Era meio paizão...”, diverte-se, recordando que fora contratada para atuar durante um mês, mas a temporada superou todas as expectativas. “Fizemos vários meses de casa lotada todo dia.”

“Depois entrou o Roberto Inglez, que tinha gravado com a Dalva pela Europa. Quando chegou no Brasil, ele me ouviu e me adorou. Queria que eu participasse do show dele. Eu fiquei meio sem graça porque ele tinha que ter chamado a Dalva, e não a mim. Foi outro sucesso maravilhoso, tanto que viajamos para Belo Horizonte, São Paulo... Uma coisa linda da minha carreira foi esse show com ele”, relembra, saudosa.

Entre outubro e novembro, o maestro escocês e a cantora revelação continuaram a brilhar nos palcos e rádios do país, inclusive cantando para a primeira-dama, Darcy Vargas, em elegante jantar oferecido por integrantes da alta sociedade, sr. e sra. Alfredo Tomé. Enfim, no dia 18 de novembro, deu-se o recital de despedida do maestro no auditório da Nacional Paulista, onde atuaram, entre outros, Hebe Camargo, a fadista Ester de Abreu, as irmãs Linda e Dirzinha Batista, Jorge Goulart e — claro, ela não poderia faltar — Angela Maria.

Não é só a cantora que tem boas recordações desse tempo. O próprio rei da noite, Carlos Machado, anos depois da experiência com ela em sua boate, deu um depoimento carinhoso (e surpreendente) sobre quando e como a conheceu: “Encontrava-me numa manhã do mês de junho de 1948 nas Gráficas Bloch, à rua Frei Caneca, encomendando o material tipográfico para a inauguração do Monte Carlo, quando conheci Angela Maria trazendo o almoço em marmita, para uma irmã que ali trabalhava. Arnaldo Bloch, em tom de brincadeira, disse-me: ‘Machado, não queres contratar esta morena para o Monte Carlo?’ Ao que respondi-lhe: ‘Só se for para vender cigarros na boate.’ Mais tarde soube pela própria Angela que ela teria ido dias depois até o portão do Monte Carlo, mas não tivera coragem para subir a pé a ladeira. Em 1953 contratei-a não como *cigarette girl*, mas por 20 mil cruzeiros para estrelar juntamente com Dorival Caymmi um show, na boate Casablanca.” Incrível, não?

Nesse meio-tempo, em 1º de setembro de 1952, Angela começou a atuar também na Rádio Nacional em pequenas participações, gentilmente cedida pela Mayrink, mostrando que o problema de sua suspensão fora rapidamente superado. Entrou na folha de pagamentos da concorrente, passando a ganhar 4 mil cruzeiros por mês para honrar seu expediente a título de “pró-labore”. Se não pudesse comparecer eventualmente, era multada em dinheiro, e não se falava mais no assunto.

Além da temporada na boate, a Mayrink lhe concedeu uma licença para atuar em Recife e Fortaleza, em outubro. Antes, também se apresentou na Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte, e, dos dias 15 a 21 de setembro, participou das comemorações da Semana do Rádio. Na Quinta da Boa Vista, zona norte do Rio, houve provas desportivas organizadas pelo Automóvel Clube do Brasil, e uma interessante gincana automo-

bilística de que tomou parte na companhia dos apresentadores César de Alencar, Cesar Ladeira, Paulo Gracindo, Manoel Barcelos; dos cantores Marlene, Dalva de Oliveira, Dircinha Batista, Nora Ney, Carmélia Alves, Neusa Maria, Lúcio Alves, Marion, além de gente do radioteatro como Daisy Lúcidí, Germano e outros. Até um embaixador, representante do governo Vargas, esteve presente. Ali foi anunciado o início das obras do Hospital dos Radialistas, uma iniciativa da ABR (Associação Brasileira de Rádio), a ser erguido na rua Cesário Alvim, em Botafogo. Tanto que toda a verba arrecadada pelo famoso concurso de Rainha do Rádio seria revertida para sua construção.

Na segunda semana de outubro, a imprensa maciçamente começou a divulgar o filme *Com o diabo no corpo*, dirigido por Mario Del Rio, que ela gravara no ano anterior. Era uma chanchada típica daquele tempo que mesclava situações de humor e números musicais. O público comparecia em peso aos cinemas, em grande parte para conhecer a imagem em movimento de seus intérpretes favoritos — parece ficção, mas nesse tempo nossa televisão era incipiente; tínhamos apenas a TV Tupi, com programação no horário noturno, e quase ninguém ainda possuía aparelhos para assistir a ela. Em geral, a maioria de nossos cantores do rádio apenas cantava, não trabalhava como atores nessas chanchadas (à exceção de Marlene, Doris Monteiro, Ivon Curi e poucos outros). Entravam no meio de uma cena entoando seus sucessos consagrados ou músicas que pretendiam lançar no Carnaval.

Acostumados às produções requintadas de Hollywood ou *cult* europeias, nossos cronistas de cinema no geral execravam esses filmes, que só muitos anos mais tarde seriam reavaliados por seu recorte representativo de relevantes aspectos de nossa cultura. *Com o diabo no corpo* até que ganhou alguns elogios. Tratava-se, segundo a *Gazeta de Notícias*, de “divertidíssima história escrita habilmente por Alinor Azevedo, que conta as complicadas situações em que se mete um sisudo gerente de loja de modas, tipo curioso que faz de um manequim de vitrina objeto mudo para frustradas declarações de amor. E melhor não seria indicado para esse papel que Luiz Delfino, o mesmíssimo e complicado ‘Ananias’ que recentemente vimos em *Tudo azul*. E ao lado de Delfino aparece uma plêiade de gente nova, porém de grande talento”.

Para o jornal *A Manhã* era uma “história bem arquitetada” e “muito engraçada”, enquanto no entender do *Diário da Noite* era “uma comédia musical vazada com linguagem simples de cinema, acessível a qualquer público”, com direito a elogios aos números musicais, “com muito bom gosto”. Nele havia, entre outros, três grandes sucessos da parada nas vozes de Doris Monteiro (*Coimbra*), Jorge Goulart (*Jezebel*) e a nossa Angela, com *Não tenho você*.

Já Edmundo Lys, do jornal *O Globo*, e Pedro Lima, do *Diário da Noite*, detonaram. Para o primeiro, a história era de “extrema banalidade, sem qualquer humor, sem nenhum brilho, absolutamente em jejum de possibilidades”, “Delfino não era ator para o papel principal” e o filme era “híbrido, meio musical, meio falado, o que não resultou aproveitável: o espectador quer ou peixe ou carne, e este prato não é nem carne, nem peixe”. Dos números musicais, só salvou o de Doris. Goulart e Angela, a seu ver, foram mal aproveitados. Para o segundo crítico, um dos maiores problemas dos filmes nacionais do período era a escolha de uma boa história: “Ora, francamente que uma pessoa ficar sentada num cinema uma hora e dez minutos para ver gente conversando, sem pose e sem pelo menos jeito de cinema, melhor mesmo ligar logo o rádio, escolhendo no dial os números que quer ouvir.” A música, aliás, também não foi poupada: “Os números de palco com Doris Monteiro, Angela Maria, Jorge Goulart [...] são pouco mais do que suportáveis.” O que importa nisso tudo é que a nossa cantora já estava com status ascendente a ponto de figurar num filme ao lado de outros estreantes de sucesso, como Doris e Goulart.

Cobiçada pela boate Meia-noite do Copacabana Palace, Angela, no entanto, continuou no Casablanca, pois não mexeria no time que estava ganhando. Agora, além de estrelar em *Coisas e graças da Bahia*, também foi escalada, juntamente com o Carrol’s Ballet e o comediante Colé, em outro show, *O palhaço o que é*, dos mesmos Fernando Lobo e Paulo Soledade, que estreou dia 14 de outubro, mas sem a mesma repercussão do anterior, ficando em cartaz até meados de novembro.

Na última segunda-feira do mês, dia 27, Angela pegou um avião, juntamente com Linda e Dircinha Batista, Ester de Abreu e Jorge Goulart, para atuar no palco do Teatro Municipal de São Paulo com diversos artistas locais numa festa em benefício de várias instituições de caridade,

organizada por Edmundo Sousa, chefe do departamento artístico da Rádio Nacional Paulista (PRE-8). Na ocasião, houve uma homenagem ao Rei da Voz, Francisco Alves, falecido naquele dia, vítima de um terrível desastre de automóvel na Via Dutra. Antes, porém, no fim de semana, ela cantou num show coletivo no popular Teatro República, situado na avenida Gomes Freire, Centro do Rio, em homenagem ao Corpo de Bombeiros e à Polícia Militar, ao lado de Emilinha, Marlene, Elizeth Cardoso, Jorge Veiga, Luiz Vieira e outros, num total de quarenta artistas. Resumindo, já estava entre os grandes no Rio e em São Paulo.

Em visita à redação do jornal *Última Hora*, em novembro, Angela arriscou batucar o samba carnavalesco *Trabalhar, eu não!* numa das mesas dos repórteres, que acharam um ótimo mote para começar a entrevista. Afinal, “a menina de olhos brejeiros trabalha que não é vida. Canta na Rádio Nacional, na Mayrink e na boate Casablanca”. Angela justificou: “É preciso. Quem disse que trabalhar em rádio e em boates não cansa, ou mentiu ou nunca trabalhou nesses lugares. Eu que o diga... É verdade que os grandes cartazes não têm necessidade de dar duro assim. Mas já deram. Para todos e para todas a luta é igual no começo. E eu estou começando...”, justificou. A reportagem demonstrava surpresa por ela realmente ter fôlego, pois, além de toda essa trabalhadeira, ainda arranjou tempo de adotar uma menininha que se chamava Rosângela.

“Peguei essa menina ali embaixo da Ponte dos Marinheiros, na avenida Brasil. Estava pedindo esmola. Parei com o carro para dar esmola e a mãe dela chegou para mim e disse: ‘Minha senhora, quer ficar com minha filha? Não tenho casa, não tenho família, ela está muito doente!’ Era moreninha, cabelo cacheadinho, uma graça. ‘Estou dando a minha filha, não quero saber de nada. Se a senhora levar agora, me livra disso’, ela me disse. Então peguei a criança, botei no carro e levei pra casa. Chegando lá, a cabeça da menina era ferida pura. Na mesma hora, vi médico e dei tudo de melhor para ela”, conta hoje a cantora, que na época estava eufórica com a novidade e tinha muito orgulho de ser mamãe adotiva.

Num outro perfil, desta vez na famosa revista *Cinelândia*, ela também surpreendia a todos confirmando a adoção da tal garotinha, e mais uma vez compartilhava sua alegria em cantar agora para um público “classe A”. “A boate nos põe em contato com a alta sociedade e

as nossas apresentações tornam-se no palco mais interessantes que no rádio”, animava-se, afirmando ainda que, por conta disso, já recebera propostas para cantar na Europa. O depoimento elogioso de Roberto Inglez foi mais uma vez lembrado. A revista afirmava que “o maestro disse que Angela era a mais completa artista para o samba: ‘Tem voz, emoção, personalidade e ritmo. Quando ela tiver a experiência de Linda e Dircezinha Batista será insuperável.’”. Angela, radiante, terminava com uma perspectiva concreta para o futuro próximo: “No ano que vem já terei meu próprio automóvel, um Jaguar lindo com que sonho sempre.” O próprio título da matéria a endossava: “A garota revelação de 1952 espera figurar em 1953 entre os maiores valores do nosso rádio e bem merece.”

De setembro a dezembro de 1952, a RCA lançou cinco discos de 78 rpm de Angela, ou seja, dez gravações novas. Para começar, o samba-canção *Sem mágoas em meu coração* e o choro *Pra que saber*. Sérgio Porto, no *Diário Carioca*, foi direto ao ponto: “Embora as músicas não passem de regulares, o disco vale pela atuação da cantora, uma das melhores surgidas nos últimos dez anos.” A partir de outubro, a fábrica apostou forte em sua contratada para a folia carnavalesca de 1953. Programou seis músicas para ela, que foi lançando aos poucos. Para começar, dois sambas inéditos bem fraquinhos, *Mestre da Vila* e *Tenha pena de mim*. Mais uma vez, o importante cronista derramava-se por ela: “Angela Maria está cantando muito. Qualquer disco seu é bom.” Paulo Medeiros, da *Última Hora*, entretanto, puxou-lhe as orelhas. “Dona de boa voz, foi subindo não aos poucos, mas aos saltos. [...] No entanto, é preciso que Angela Maria continue escolhendo com grande cuidado seu repertório. Num desses dias, ouvimos algumas das gravações da moreninha para o Carnaval e, sinceramente, ficamos decepcionados. [...] Há, evidentemente, algumas boas. Mas duas principalmente que ouvimos nos pareceram de segunda classe.”

No mês seguinte, saía um 78 rpm um pouco melhor, o samba de contornos sociais *Prece ao senhor*, ainda que bastante clichê, assinado por autores desconhecidos, e a divertidinha *Matéria plástica*, da inusitada parceria de dois craques, Wilson Batista e Jair Amorim.

*Oh que garota boa!
Oh que pequena fantástica!
Mas dizem que seu coração
Que seu coração
É de matéria plástica...*

Em dezembro veio a melhor das apostas carnavalescas, a *Marcha do soluço*, de outros dois autores experientes, Dunga e Nássara, disparado o mais interessante dos seis lançamentos.

*Eu fiquei (ui!) com soluço (ui!)
De um tutu que comi no jantar
Já bebi água (ui), já bebi chope (ui!)
E o soluço não quer passar!*

Ainda em dezembro, uma novidade: Angela lança um 78 rpm natalino, com a até simpática marcha *Presente de Natal* (Oscar Belandi / Luiz de França / Bené Alexandre): “Papai Noel não vai me dar brinquedo / Estou com medo! Estou com medo! Papai Noel, tenha compaixão, não faço mais outra malcriação”, e a canção (mediana) *Nasceu Jesus* (Hianto e Haroldo de Almeida). Mas, realmente, foram poucas as canções natalinas nacionais que pegaram no gosto do público na história de nosso cancionário. Fato é que, de todas essas dez últimas gravações, nada efetivamente emplacou. As pessoas ainda estavam ouvindo *Não tenho você* e *Sabes mentir* (principalmente) e *Meu dono, meu rei*.

O mês de dezembro chegou e, em 1952, o que entrou em pauta na carreira de Angela não foram exatamente nem as músicas carnavalescas nem as natalinas gravadas por ela, como se poderia supor, mas outros dois assuntos que saíam dia sim, dia não na imprensa carioca.

O primeiro deles era a indicação que a Rádio Mayrink Veiga havia feito de sua contratada, apresentando-a como sua candidata ao pleito de Rainha do Rádio de 1953, um concurso que à época parava o país e, em especial, o Rio de Janeiro. As outras candidatas foram Emilinha Borba (da Rádio Nacional, que naquele ano passaria a apoiar apenas uma candidata, a fim de tentar reparar uma injustiça à sua estrela mais popular,

que incrivelmente ainda não havia ganhado a coroa), Rogéria (Mauá, Guanabara e Globo), Lecy Bastos (Roquette Pinto e Ministério da Educação), Marly Sorel (Continental e Cruzeiro do Sul), além de Haydée Miranda (uma das principais radioatrizes do elenco das Emissoras Associadas do Rio — isto é: Rádio e TV Tupi e Rádio Tamoio), além de três oriundas de outros estados: Hilma Alves (Rádio Espírito Santo, Vitória), Linda Silva (Rádio Cultura de Ilhéus, Bahia) e Regina Maria (Rádio Industrial de Juiz de Fora, Minas Gerais).

Todas foram candidatas à sucessão de Mary Gonçalves, a inexpressiva rainha de 1952, cantora da Rádio Clube do Brasil, que só ganhara de Adelaide Chiozzo o concurso porque, em cima da hora, Carmélia Alves decidiu apoiá-la para não deixar sua concorrente no gênero brejeiro vencer. Mary definitivamente não era popular a ponto de ser coroada num concurso desse porte. Era uma cantora *cool*, de canções românticas e modernas — lançadora inclusive do moderno Johnny Alf, ou seja, uma estranha nesse ninho de gritarias, cetros e coroas. O ponto de partida oficial do concurso foi feito dia 18 de dezembro, às quatro da tarde, na Rádio Tupi, também chamada de “Maracanã dos auditórios”.

Outra notícia que já vinha anunciada desde o mês anterior, mas explodiu em dezembro, quando o fato efetivamente ocorreu, foi a da contratação de Angela pela boate Vogue, a mais chique do Rio (juntamente com a Meia-noite, do Copacabana Palace). Localizada entre o Leme e Copacabana, na avenida Atlântica, à altura da Princesa Isabel, onde hoje é uma movimentada via de mão dupla, a boate era de propriedade de um alemão, barão Von Stukart, que fora diretor da parte de jogo do mesmo Copacabana Palace. Quando os cassinos fecharam, em março de 1946, ele acabou por montar o Hotel Vogue com a ajuda de um milionário português. No lugar do prédio onde havia uma garagem, decidiu abrir uma boate, frequentada pela nova alta sociedade de então, incluindo grandes empresários e políticos. O local tinha em torno de 40 mesas, com iluminação discreta e elegante, um palco com apenas três degraus acima do nível normal do chão, em meia-lua, além de uma minúscula pista de dança. “Era uma boate muito metida, chique, só dava gente rica”, diverte-se hoje a cantora.

O colunista social Ibrahim Sued, em sua coluna *Rio elegante*, no *Diário Carioca*, foi um dos primeiros a anunciar sua estreia com entusiasmo, dia 5 de dezembro: “Angela Maria, o maior talento artístico revelado este ano, acaba de ser contratada pelo Vogue, para a temporada de Carnaval. A direção do Vogue está fazendo esforços para a revelação do rádio de 1952 estreiar na próxima segunda-feira. Dependendo apenas do guarda-roupa, que está sendo confeccionado pela famosa costureira Maria Angelina.” Realmente, ela estreou na Vogue, ou melhor, “no” Vogue, como os articulistas gostavam de dizer, no dia 8 do mesmo mês, sucedendo a obscura cantora americana Ruth Rogers, conforme bela crônica de “R. B.” no *Correio da Manhã*, publicada nove dias depois.

Fazendo uma certa violência aos meus hábitos recatados e arredios, fiz um giroflê noturno da cidade. O Casablanca continua com um show de grande e merecido sucesso; o Begin no Hotel Glória continua animadíssimo com suas orquestras, uma francesa engraçada e uma colombiana do melhor gênero latino-americano; o Vogue andou às moscas, graças a uma cantora americana que era tão sem graça que até a gente batia palmas porque sentia pena, mas agora contratou essa menina Angela Maria, com sua voz de pastora, que é algo de que vale a pena tomar conhecimento com certa urgência. Tem uma voz assim, de prima-irmã da gente que tem muito jeito pra cantar — e canta mesmo. Ao voltar para meu tugúrio, já madrugada, ainda parei no Ranchinho do Posto 6 para ouvir e abraçar o nosso grande e bom Caymmi.

Concorrente de Ibrahim Sued no mesmo *Diário Carioca*, Jacinto de Thormes dizia no dia 11 que no Vogue estava acontecendo “uma coisa extraordinária”: “O melhor show da cidade é feito por uma moça só. Angela Maria.” Sua colega, a grande sambista Linda Batista, que assinava a coluna *De noite e de dia*, na *Última Hora*, não aguentou e soltou um veneno na mesma data. Aliás, um “piche”, como se dizia na gíria dos artistas da época.

Angela Maria estreou em uma das nossas boites. Casa fraca. Mas Angela canta bem e agradou. Mas, quando foi apresentar um número carnavalesco, disse assim: “Vou cantar um samba de carnaval e vocês ‘vai’ fazer um corinho pra mim.” Olha o piche!

Sérgio Porto, indiretamente, deu um recado à Linda ao final de seu artigo no *Diário Carioca*, uma semana depois. Ele tornava a dizer que o *Vogue* fez bem em “nacionalizar” suas atrações, a começar por Silvio Caldas, que obtivera grande sucesso ali com suas serenatas e marchas de Carnavais passados semanas antes, e mais uma vez enumerava as qualidades de Angela, descrevendo de forma hilariante a receptividade de seu repertório pelo público grã-fino, e não deixando barato o comentário da colega cantora.

*[...] E já que o público prefere samba, nada mais justo do que contratar Angela Maria, a melhor cantora do ano e a grande revelação dos últimos tempos, embora sem ter vencido nenhum concurso, nem ter sido eleita rainha de coisa alguma, o que é uma prova de bom gosto da parte dela. Ir ao *Vogue* aplaudi-la é coisa fácil. A maneira singela com que a jovem cantora interpreta os sambas lentos (sua especialidade) encanta o ouvinte, e a melhor prova disso são as palmas demoradas que ela recebe após cada número. Números, aliás, não só do seu repertório, mas também do repertório de outras artistas que ela consegue valorizar, como é o caso do samba “Fim de comédia”, um dos melhores de Ataulfo Alves e que não mereceu a sua melhor interpretação na voz de Dalva de Oliveira.*

O que fica muito engraçado (e desconfiamos mesmo que passou a ser uma coisa “bem”) é grã-fino ouvindo samba. Sua atitude para com Angela Maria é bem diferente da tomada frequente a Lucienne Delylle, por exemplo. No caso da francesa, o grã-fino fica quietinho, tomando golinhos esparsos no uísque, só dando um ar de sua graça quando a letra da canção exige um sorriso da parte daqueles que devem demonstrar que a estão entendendo. Já no outro caso, isto é, frente a uma sambista, o grã-fino fica completamente indócil. É de vê-lo, batucando na mesa, cantando junto com a artista ou pedindo

os sambas de sua predileção, o que fazem, geralmente, trocando os títulos, “Fim de comédia” — por exemplo — é “Cada um trate de si”, “Ninguém me ama” é “Ninguém me quer”, “Nem eu” é “Quem inventou o amor”, e assim sucessivamente, o que nos faz desconfiar que o código da grã-finagem exige uma certa displicência quanto aos nomes dos sambas.

De qualquer maneira, porém, grã-finos ou não, todos aplaudem Angela Maria e a explicação para isso é a excelente voz da cantora. Certas pessoas, no entanto, e essas pessoas são todas suas colegas, não gostam de Angela, mas isso, senhores, também é muito fácil de explicar.

Mostrando que nem tudo é “piche” ou inveja — ou até pura atitude politicamente incorreta, numa época em que todo mundo dizia o que pensava na lata —, Linda Batista semanas depois agradecia sua jovem colega: “Angela Maria veio me dizer que, atendendo a diversos pedidos, tem cantado as músicas *Chico viola* e *Máscara da face* (de meu repertório). Obrigada, meu bem. E beijinhos pra você, tá?” Estava tudo em paz entre as “sambistas”. Ah, e verdade seja dita, Linda não foi a única a falar nas derrapadas do português da amiga.

Sérgio Porto foi apenas um dos vários cronistas que elogiaram a estada de Angela no Vogue. Fernando Lobo no *Globo* apressava-se em dizer que ela vinha sendo “a melhor atração noturna” da boate dos últimos tempos, enquanto o colunista especializado em vida noturna do *Correio da Manhã*, além de elogiar sua voz (“excepcional, bonita, forte e acariciante”), tecia loas à sua “pronúncia perfeita” e à interpretação “com muito calor e sinceridade, mas sem espalhafato, sem caretas. Impõe a sua personalidade não por meio de gestos teatrais ou interjeições já surradas, mas pela magia de sua voz e pelo poder de seu talento”. Acreditava que era, assim como a veterana Aracy de Almeida, uma renovadora do gênero samba: “Afim, não se pode continuar pensando que uma cantora brasileira só valha pelas caretas, pelos gestos nervosos das mãos e pelos demais movimentos do corpo.” Como se vê, esse tipo de crítica às nossas cantoras é recorrente, vem desde 1952!

Ainda em dezembro, Angela cantou no aniversário da Rádio Irace-
ma, de Fortaleza, e, no dia 23, esteve num show celebrando o Natal na
Base Aérea do Galeão, na Ilha do Governador, ao lado de Dora Lopes e
Linda Rodrigues. A poucos dias do fim do ano, numa das noites de sua
temporada no *Vogue*, cantou para um público ainda mais seletivo do que
o habitual, logo após um desfile de modas com grifes dos maiores cos-
tureiros de Paris — Dior, Fath, Balenciaga, Balmain e Grés. O colunista
Primo Basílio, do *Globo*, disse que, após o “fashion-show”, ocupou o
microfone a “notável cantora dos ‘blues nacionais’, Angela Maria, espé-
cie de Sarah Vaughan brasileira”. Uma comparação que anos depois foi
merecida apenas por Dolores Duran (por sua veia jazzística) e Elizeth
Cardoso (por ostentar o mesmo apelido de “divina”).

Mas foi no Réveillon que ela teve uma surpresa mais do que inespé-
rada que só veio a sacramentar sua maré de sorte. Angela foi convidada
para uma festa especialíssima na residência de verão do prefeito Dulcídio
Cardoso, na Gávea Pequena, zona sul carioca. O evento teve a presença
de um dos mitos da política brasileira de então, o presidente Getúlio
Vargas. Se no ano anterior ele fora recepcionado pelos artistas de teatro,
nesse ano eram os do meio radiofônico os responsáveis pelos festejos,
com o comando de Victor Costa, o talentoso e visionário diretor da
poderosa Rádio Nacional. Estiveram presentes também Wellington Bot-
elho, apresentando seu personagem Barnabé; Grande Otelo, imitando
Carmen Miranda; e muitos cantores, como Mary Gonçalves, Francisco
Carlos e os Trigêmeos Vocalistas. À meia-noite, logo após um número
de Linda Batista, Heron Domingues — a voz do Repórter Esso (o mais
importante programa jornalístico da época, que parava o Brasil às oito da
noite) — deu a notícia aos convidados: o ano de 1953 acabava de entrar.

Angela lembra bem daquela noite: “Quando faltavam uns três minutos
para a passagem do ano, fizemos uma fila pra cumprimentar o presiden-
te. Quando chegou a minha vez, ele disse para mim: ‘Oh... Sapoti, que
prazer!’ Eu estranhei e fiz uma cara feia. ‘Você não gostou, minha filha?’,
disse ele. É que eu pensei que ele estivesse me chamando de jabuti [risos].
Foi quando ele me disse: ‘Você não conhece a sapoti? Sapoti é uma fruta
que tem no Nordeste, muito parecida com você: da sua cor, redondinha,
carnudinha, é doce que nem o mel.’ Aí fiquei aliviada: ‘Ah, bom!’ [risos].”

E foi assim que Angela, dali para a frente, ficou sendo a Sapoti. O apelido pegou, afinal foi dado pela figura de maior popularidade e prestígio do país, “o pai dos pobres”, “o presidente dos artistas” — o sempre polêmico Getúlio Vargas. Como se vê, já era seu admirador, apesar de ela ser ainda uma revelação. Quem diria que aquela menina pobre, nascida em chão de terra batida, com menos de dois anos de carreira radiofônica ganharia um apelido dado pelo próprio presidente do Brasil? Parece mentira, mas aconteceu. Angela, ou melhor, a Sapoti, era uma predestinada.